

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

OLIVEIRA, Lúcia Maria Lippi. Lúcia Maria Lippi Oliveira II (depoimento, 2009 / 2010). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (8h 20min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

Lúcia Maria Lippi Oliveira II
(depoimento, 2009 / 2010)

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Ana Beatriz Caminha de Medeiros; Bernardo Buarque de Hollanda; Celso Castro; João Marcelo Ehlert Maia;

Levantamento de dados: Ana Beatriz Caminha de Medeiros; Carla Vila Nova; Rodrigo Rouvier;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Ana Beatriz Caminha de Medeiros; Carla Vila Nova; Rodrigo Rouvier;

Técnico de gravação: Marcela Baptista Teixeira; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 08/10/2009 a 26/03/2010

Duração: 8h 20min

Arquivo digital - áudio: 8; MiniDV: 7;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto teve vigência de dois anos (2008/2009). Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista [clique aqui](#).

Temas: Alberto Guerreiro Ramos; Ato Institucional, 5 (1968); Cândido Mendes de Almeida; Celina Vargas do Amaral Peixoto; Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil; Ciência política; Ciências Sociais; Eduardo Gomes; Esquerda; Estados Unidos da América; Estudos históricos; Formação acadêmica; Formação escolar; Golpe de 1964; Governos militares (1964-1985); História; História de vida; Instituto Brasileiro de Administração Municipal; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Intercâmbio cultural; Maria Isaura Pereira de Queiros ; Movimento estudantil; Obras de referência; Pontifícia Universidade Católica; Produção intelectual; Repressão política; Revolução de 1930; Ricardo Benzaquem de Araújo; Richard Morse; Sociologia; Universidade de São Paulo; Universidade Federal Fluminense;

Sumário

1ª Entrevista: 22.10.2009 Origens familiares; a infância em Teresópolis; a ida para o Rio de Janeiro para estudar no colégio interno; a escolha pelas Ciências Sociais; a formação no Colégio Imaculada da Conceição no Rio de Janeiro; o ingresso na Juventude Estudantil Católica; a escolha pela PUC (Pontifícia Universidade Católica); a turma da universidade; o corpo docente; a formação na universidade; política na universidade; o início da repressão; o movimento político na Igreja; o golpe militar de 1964; a ida aos Estados Unidos e pesquisa para o Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS); o choque cultural; o ingresso no CLAPCS; pesquisa nas cidades de Petrolina e Juazeiro; saída da Ação Popular (AP); o universo da esquerda carioca; a expulsão da AP; a ida para o SESC nacional; a formatura em 1966; a seleção para o ingresso no SESC em 1967; a primeira pesquisa na instituição; o seminário de metodologia das Ciências Sociais; a experiência do contato com Wanderley Guilherme dos Santos; o mestrado no Instituto Universitário de Pesquisa do RJ (Iuperj); as aulas com Cândido Mendes; a prova para a primeira turma de ciência política; a bolsa de estudos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); as consequências do Ato Institucional nº 5 no meio acadêmico; situações complicadas ocorridas na época; a tese de mestrado; como surgiu o tema da tese; a escolha dos orientadores Francisco Weffort e Wanderley Guilherme dos Santos; a defesa da tese; a experiência de dar aulas como auxiliar de ensino naUFF (Universidade Federal Fluminense) na década de 70; as dificuldades em ser professora na época; o pedido de demissão.

2ª Entrevista: 30.10.2009 A entrada no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) a convite de Celina Vargas do Amaral Peixoto; a pesquisa no Instituto Brasileiro de Administração Municipal (Ibam); a criação do CPDOC; a importância dos brasilianistas; Projeto Brasiliana: estudo das interpretações da Revolução de 30; a montagem da equipe do Projeto da qual destaca: Celina Vargas do Amaral Peixoto, Maria Cecília Velasco, Eduardo Gomes, Monica Pimenta Velloso e Ricardo Benzaquen; a influência de Karl Mannheim; o projeto do Boletim Informativo Bibliográfico apresentado por Richard Morse e Thomas Skidmore; menção à amizade com Charles Freitas Pessanha; o conflito entre CPDOC e Iuperj e a defesa do primeiro por César Guimarães; os 50 anos da Revolução de 1930e as comemorações; lançamento dos livros Elite intelectual e Debates políticos, Regionalismo e centralização política; a organização e realização do seminário; a discussão sobre autoritarismo; o contexto ditatorial; o Doutorado na Universidade de São

Paulo (USP); a recusa no doutorado do IUPERJ, cujo coordenador era José Murilo de Carvalho; breve comentário a respeito de Amaury de Souza; a ida para a USP e a orientação de Gabriel Cohn; a ideia de realizar um estudo sobre Guerreiro Ramos; a defesa da tese; a participação de Carlo Guilherme Mota na sua banca de defesa de doutorado; a publicação da tese como Questão Nacional da Primeira República, Editora Brasiliense; comentários sobre a Anpocs (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) realizada em Friburgo; menção ao grupo de “Sociologia da Cultura”, coordenado por Maria Isaura Pereira de Queiroz; o encontro do grupo em Ouro Preto; a participação no grupo de trabalho “Pensamento Social no Brasil”, coordenado por Luiz Antonio Castro Santos e Mariza Peirano; comentários sobre a criação da Revista Estudos Históricos; aproximação da Revista com a História; a publicação do texto “As ciências sociais no Rio de Janeiro” no livro História das ciências sociais, organizado por Sérgio Miceli; a decisão de publicar A sociologia do Guerreiro; a ideia de estudar Brasil – Estados Unidos; a experiência nos Estados Unidos; o contato com Thomas Skidmore; a ida para a Universidade Brown; menção à algumas de suas produções intelectuais: Americano, A criação da América, O Brasil dos imigrantes, Nós e eles, Capítulos da memória do urbanismo carioca e Novas memórias do urbanismo carioca; a experiência docente e referenciais teóricos; a decisão de ser professora; a elaboração do CD-ROM do CPDOC; Pensamento Conservador, de Karl Mannheim como um texto marcante; o contato com pensadores de língua portuguesa na Brown University (EUA); o convívio com João Medina- seu professor- e Moacyr Scliar na Brown; menção aos sociólogos portugueses Boaventura de Sousa Santos e Carlos Fortuna; a emoção com a poesia Evocação do Recife, de Manuel Bandeira.

1º entrevista: 22/10/2009

Celso Castro - Lucia, a gente podia começar como sempre falando sobre a sua origem familiar, sua família, de onde veio, onde você nasceu...

Lucia Lippi - Eu sou de uma família de Teresópolis, estado do Rio. Eu costumo dizer: na época Teresópolis era interior, hoje é um lugar próximo ao Rio, mas naquela época não era. Diria que de uma família classe média. O que eu estou entendendo por isso? Mãe professora primária, que tinha feito curso normal em uma escola de freiras em Petrópolis, um colégio interno em Petrópolis - Colégio Santa Isabel; e pai que era funcionário dos Correios e Telégrafos. Esse pai era do interior de Minas Gerais, mas tinha chegado a Teresópolis, quer dizer, então a família se montava lá. O que tem de diferente, quer dizer: este pai ficou doente e morreu. Eu tinha um ano e meio, então eu praticamente não o conheci e o contato com a família do pai praticamente não existiu; eu vi minha avó paterna uma vez na vida e, vamos dizer assim, passei a ser criada, o que predomina, é a família da mãe. Os Lippi's. Por isso até hoje no nome ficou, não é? Este avô Lippi é imigrante italiano; de alguma forma o que é interessante é que ele chega criança praticamente, com 12 anos, 13 anos, da Itália; vai se encontrar com uns parentes deles que moram no interior de Teresópolis mesmo... Então esse italiano não vai para a colônia... Tem alguns outros italianos, mas não... E eu diria o seguinte: ele sobe na vida muito rápido [riso] e diria que subiu pelo casamento. Então ele se casou com a minha avó, que já era filha de italiano e português e tinha propriedades em Teresópolis; então é uma coisa assim muito... E esse avô, sim - como o pai morreu - de alguma forma esse avô fica sendo o patrono da família. A mãe era professora primária, óbvio, vivia com o salário de funcionária pública do estado do Rio, e o avô é que bancava as coisas. Outra coisa: essa família era católica ultramontana [riso], seguia o bispo de Petrópolis que publicava um boletim dizendo o que se podia fazer, o que não se podia fazer, o que podia ler, o que você não podia ler... Na minha casa, por exemplo, não tinha Monteiro Lobato. O Índex tinha dito que aquele autor era um perigo para os costumes, entendeu? Então era esse o padrão. Eu diria... - É impossível a gente responder alguma coisa desse tipo sem você mesmo fazer as análises, não é? [risos] Quase uma impossibilidade... - Eu diria que o mais dramático é que a gente sofria do que depois ficou chamado na Sociologia de “incongruência de status”, entendeu? De um lado a gente era... Quer dizer, a vida, eu e meu irmão, minha mãe, vivíamos, assim, não vamos dizer que pobre, que é um pecado dizer isso, mas em condições muito... Restritas. E ao mesmo tempo tínhamos coisas que de fato, só por este subgrupo não poderíamos ter, entendeu? Então em determinadas situações no meio, no público,

falavam: “ah!”- meu avô como bom italiano tinha um apelido, que era Pepino, não é? Giuseppe – Pepino – falavam: “ah, neta” - você está lá bem anônima aí alguém falava - “neta do Seu Pepino”. Aí de repente você era olhada como uma certa elite da cidade. Só que eu, parte da família esta, também não tinha... Recurso muito escasso. Então eu acho que o que mais marca, assim, lembrando, usando já a Sociologia para fazer análise da vida da gente, era isso: incongruência de status - eu não era só pobre, só classe média, só elite da cidade: era uma mistura disso tudo.

C.C. – Você estudou em colégio de que tipo?

L.L. – Ah, sim: primário em escola pública, tendo a mãe professora. E depois ginásio em escola de freiras em Teresópolis. E científico no Rio de Janeiro, em colégio de freiras *interna*. [risos].

C.C. – Mas porque a vinda para o Rio de Janeiro?

L.L. – Sim. As mulheres da minha casa, quer dizer: a mãe, a tia, as duas primas... O destino natural das mulheres era fazer escola normal e virar professora. E era esse o destino que eu não queria. Então eu inventei que eu queria fazer engenharia. Eu tinha um primo mais velho, dos netos, que era engenheiro, morava no Rio, viajava para Europa, fazia as excursões... E ele era um certo, assim, a família inteira olhava e falava “Ah!”. Todo mundo brincava que era *The Golden Boy*. Então, óbvio, eu mirei no *Golden Boy* e quis fazer... E era assim, vamos dizer assim, não era esperada que as mulheres entrassem nessa coisa porque o campus já estava definido. Então eu consegui isso em primeiro porque tinha esse primo que era engenheiro e todo mundo valorizava muito e de alguma forma se valorizava o ensino. Então fazer outra coisa era difícil, mas... “Não! É para estudar!” Então todo mundo... E fui a primeira mulher a ter curso superior na família e fui a primeira mulher... O avô pagou o estudo de todos os netos: os que vinham para o Rio, ou estudavam fora, ele que pagava. Então tinha assim: o avô paga os estudos dos homens. E aí: “não, o seu avô não vai pagar para você”. Um dia eu sentei ao lado do avô velhinho, do Pepino, e aí falei: “vovô eu quero estudar fora, mas eu preciso fazer científico, *tatatata*” – contei lá, fiz a minha demanda. Aí ele virou para mim e falou: “está bom” [riso] e passou a partir de então a pagar o colégio. E a história de vir para o colégio interno tinha a seguinte coisa: um dia, imagina, a filha - que já tinha o filho que estudava no Rio-, a filha única da mãe viúva dizendo “vou estudar no Rio!” “Você está pensando o quê? Que você vai ficar lá no Rio?” Meu irmão tinha estudado aqui no Rio, tinha ficado numa casa, alugou um quarto aqui na... “Está pensando que você vai... *tatata*... Está brincando! Não vai não! Só se for interna!” Aí eu falei “está bom”. [risos] E estudei aqui no Colégio Imaculada

Conceição – a praia de Botafogo me persegue no Rio de Janeiro! Daí então foi esse... Só uma coisinha: esses colégios, tanto colégio São Paulo, em Teresópolis, quanto o Colégio Imaculada Conceição, eram colégios de classe média, nenhum deles é ensino religioso tope de linha. Não estou falando do *Sacré Coeur*, do Colégio Sion, não, esse aí é mais... Entendeu?

João Maia – E você veio querendo estudar Engenharia? E quando é que as Ciências Sociais começaram a morder?

L.L. – Vim fazer científico, que era curso que não existia em Teresópolis [risos]. Escolhi um que não existia lá e vim estudar... Vamos dizer assim, dentro do colégio – o capítulo colégio interno mereceria... merece um livro para escrever depois, as confusões, o que é isso, não é? O que aconteceu em termos desse tempo aqui no colégio é o seguinte: eu passei... Houve uma transformação fundamental. Que você pode ler até como um certo processo de conversão. Quer dizer, aquela igreja católica ultramontana da família, sabe? Mês de maio... Eu olhava aquilo tudo e achava aquilo tudo um horror, seguia mais ou menos as regras porque dentro da família não podia não seguir, mas não tinha o menor... Entendeu? [risos] Quando chegou aqui no colégio eu não me lembro se foi uma freira que me chamou, não sei o quê, não sei o quê e eu comecei a frequentar a JEC – Juventude Estudantil Católica. E isto foi uma transformação fundamental. Porque que eu digo que é uma conversão? Porque é uma questão de aderir à igreja, só que a outra igreja. E isso mudou completamente. Então você começa a ter o grupo dentro do colégio que frequentava a JEC. Em seguida, mesmo eu sendo interna, já se ia à Reunião da JEC que acontecia no centro da cidade, Rua São José, tem um prédio ali que é todo da igreja, e você então tinha uma vez por semana, às vezes 15 dias, tinha pessoas das várias unidades, vamos dizer assim, da JEC que iam lá. Você começava a ter encontros nas férias no colégio esse, no colégio aquele... E depois você começa a conhecer a JEC masculina, que era separada: JEC masculina, JEC feminina. Então você já começa a conhecer as pessoas da JEC masculina, daqui a pouco você conhece a JEC Estadual, a JEC Nacional e aí trata-se de outra conversa, não é? Só para lembrar, eu estou falando isso, quer dizer, estou falando de 60, 61, 62. Então já estava certa, assim, ainda era uma JEC absolutamente de cunho religioso.

J.M. – Não tinha uma discussão política?

L.L. – Muito pouco. Mas pouco. Mas que tinha uma coisa do tipo seguinte: todos os seres humanos são seus irmãos. Esta é a coisa, entendeu? Então você tem que se comportar com as pessoas como você se comporta com seus irmãos. Tem uma coisa de Ação Católica e de JEC e eu aprendi isso na JEC, que era muito interessante, como estratégia de... Vamos

dizer assim, qual era a metodologia desta associação, desta instituição? Você aprendia de várias maneiras que tinha a seguinte metodologia: ver, julgar, agir. Todo mundo que foi de JEC vai repetir isso, entendeu? Ver, julgar e agir. Quer dizer, que era... Não sei de onde é isso, qual foi o frei, o padre, o teólogo, o pedagogo, sei lá quem que inventou isso, mas isso era muito concreto, quer dizer, você chamava um grupo de pessoas, então vamos falar de tal situação. Então essa ideia de que você ia ao lugar, conversava com as pessoas, ouvia, sabia [riso], fazia uma etnografia [risos] daquela maneira, vinha para o grupo e aí você avaliava, julgava: isso, aquilo era cristão, o outro estava fazendo não sei o quê. E a partir daí você saía para fazer alguma coisa. Neste papo, eu cheguei no terceiro ano científico; eu olhei e falei: “eu não quero ser engenheira, não”. A consciência de que eu estava, vamos dizer assim, convertida para uma outra forma de viver, de fazer coisas que aquilo... Eu me lembro de eu estar numa aula de Matemática no terceiro ano, tinha um professor de Matemática com aquela equação, um quadro inteiro. E aquele negócio, tem coisas de Matemática, tem um momento mágico da equação que ele vai assim, faz assim, fala, como é?... Menos, troca o sinal, os sinais todos para lá, só faltava... [risos]. Eu olhei aquilo e falei: “eu não quero passar minha vida fazendo isso”, - entendeu? - “Estudando essas coisas”. Saí da aula e falei: “Eu não vou fazer Engenharia coisa nenhuma” - que eu já ia começar a fazer um cursinho. Desisti e fui fazer vestibular para o curso de Sociologia e Política da Pontifícia Universidade Católica.

J.M. – Por quê? Por conta da JEC, a escolha da PUC?

L.L. – Nesse clima. Eu não tinha a menor ideia do que significava Sociologia [risos], ta? Mas uma coisa com esse nome devia ser boa, não é? [riso]. Título, não é? Sociologia Social, a vida da sociedade, etc.

C.C. – Não teve uma influência que te levou...

J.M. – Uma freira de repente.

L.L. – Tinha uma coisa que eu sabia: eu ir estudar numa universidade católica seria mais bem aceito pelo meu... [riso] Eu tinha que prestar contas lá com alguém que ia me sustentar, não é?

J.M. – Não te passou pela cabeça a FNFi [Faculdade Nacional de Filosofia]?

L.L. – Não, porque era isso... Assim, de alguma forma, mesmo essa coisa, quer dizer, eu estaria entrando numa escola, numa universidade que, ao mesmo tempo, estava, mal ou bem, ligada a este mundo que eu já estava ligada, não é? Que era a JEC, a igreja... Eu não sabia muito bem, mas sabia que era fácil - mais fácil - ser aceita. Aí eu fui lá na PUC - era

um vestibular da Sociologia na época, que eu estava ligada - peguei aquela bibliografia, olhei, falei: “Meu Deus do céu!” Eu não sabia nada... Quer dizer...

C.C. – Qual era a bibliografia?

L.L. – Uhm... Já não me lembro, mas alguma... Quer dizer, tinha muito História geral, História do Brasil, Português, Matemática... Não, não tinha Matemática, tinha alguma... Não me lembro. Tinha o seguinte, até por eu ter feito científico, os professores de História que eu tive eram de *péssima* categoria, eu não sabia nada daquilo, achava, aliás, uma decoreba horrorosa, entendeu? Eu gostava, no colégio, nesse colégio, de Matemática, de Física, de Desenho descritivo, de Geografia eu já gostava, mas eu achava, quer dizer, aqueles professores que ficam entendendo como História aquele blábláblá...

J.M. – A regência...

L.L. – E eu olhei aquilo e falei: “Seja o que Deus quiser”. Peguei livrinhos de segundo grau...

J.M. – Não se chamava segundo grau...

L.L. – Sim, porque eu não tinha feito clássico também...

C.C. – Científico.

L.L. – Científico. Me tranquei num lugar aqui, num pensionato aqui, e fui fazer lá a prova. Eu passei porque, vamos dizer assim, tinha a prova oral: você fazia, escrevia, depois fazia a prova oral. Então, vamos dizer assim, a prova que eu fui melhor na prova escrita, eu fui uma catástrofe na prova oral. Eu me lembro de alguém me perguntar, sei lá, aquele, era assim alguma coisa sobre reis da França de não sei de quando. Não tinha a menor ideia... (risos). E a outra que eu fui péssima na escrita, na conversa a coisa eu fui bem, então equilibrou, consegui entrar. Obviamente que entre... Acho que tinha... não era uma coisa... Era o que? 60, 70 candidatos; entraram 30 - meio a meio, não é? Mas entrar foi um feito porque eu estudei um mês.

C.C. –

C.C. – Então você chegou na PUC para fazer o curso superior e era a primeira da família a ter, e aí encontra pessoas novas que você vai ter que...

J.M. - Como foi essa chegada na PUC?

L.L. – Sim e não. Sim porque eu chegava naquela turma... a PUC desta época era uma escola absolutamente de elite, então nós não estamos falando de... hoje você chega lá há uma certa mistura, não é? Mas não era, não. Eu tinha na minha sala, sabe, assim depois... Celina Vargas do Amaral Peixoto; uma outra: Maria Laís Pereira da Silva, que o pai era

dono de uma empresa de comércio e navegação; outra: a Marina Távora, a Maria Helena Taunay... Os sobrenomes... então aquela assim...

J.M. – Mais mulheres do que homens?

L.L. – 60% de mulher, 40% de homem. A PUC também integrava o seguinte, ex da JEC, a JUC estava lá, entendeu? Essa coisa da JEC, de Ação Católica e tudo, passa...

J.M. – Ambiente integrado, não é?

L.L. – Isto é uma instituição total, ele integra o tempo todo. E você chega nessa nova instituição e você já encontra as pessoas, vem falar... Quer dizer, quem estava na PUC na minha época e tal: Maria Victória Benevides. Maria Victória fazia PUC e era da JUC (risos), entendeu? Então isso é uma coisa assim, é... Eu acho – aí fazendo uma leitura (risos) 40 anos depois – se eu não tivesse entrado nessa coisa, literalmente ou eu não teria feito nada ou teria pirado (risos), Não segurava isso tudo que estava acontecendo, só pela sua própria cabeça. Este grupo oferecia uma integração e você passava a conhecer, quer dizer, não era só a pessoa da sua sala que você tivesse isso ou aquilo; era o outro da outra sala; era a outra que era da JEC e que eu conheci que fazia Filosofia, a outra que fazia não sei o quê, você conhecia o pessoal da Engenharia . Que é a linha, quer dizer, eu sou da JEC, JUC, AP – esse foi o trajeto.

C.C - Era uma passagem mais ou menos natural, previsível, ou... Tem diferença quando entrava para a JUC, não é?

J.M. - Por que a JEC não tinha muita política ainda, não é?

L.L. – Não, aí já começa a ter porque não só você está mudando de grau, mas o tempo está passando.

J.M. – Sim, já estamos em 63...

C.C - 63 que você entrou na PUC, não é?

L.L. – Por exemplo, de 62 para 63 já tem uma politização da JEC também... E JUC... De fato, você tem, de alguma forma, aquelas pessoas que tinham sido de JEC e JUC e que ficaram só na JEC e JUC e os que passaram para uma ação política. O que é que está acontecendo? Está acontecendo Padre Vaz, em Belo Horizonte; os dominicanos entrando naquela história, começa a se criar, aí você começa a ouvir falar de Betinho – Betinho é dessa mesma trajetória, entendeu? Não sei quem mais... Está tendo alguma coisa no movimento este de igreja; está tendo mudanças na política, está tendo, não é? E isso se faz, quer dizer, algumas pessoas não fazem essa migração, não, entendeu? E acho que o que acontece... Por exemplo, eu fui uma das que... Também nessa época tem um corte, que é

com a igreja. Quer dizer, passava a ser cada vez mais claro para mim que era importante você salvar seus irmãos, sim, mas a igreja não tinha nada a ver com isso, ficava lá contando o que o... Cada um desses movimentos de JEC, JUC, etc. etc... sempre tiveram um padre que era o responsável, que fazia o intercâmbio, que fazia... E aí já era um corte com a igreja e um corte com a religião de alguma forma. Aí é uma crise importante na medida em que você começa a achar: “não, não é bem isso, etc... etc...”.

C.C. – E o curso, os professores do curso de Sociologia, quem é que você encontra dando aula?

L.L. – Também, na medida em que a gente entrava para a AP, e essa política universitária na PUC, você passava a conhecer os outros: você ia conhecer o fulaninho que era do PC, do Partido Comunista, o outro que era do Movimento Solidarista Universitário, - eu não sei se alguém já falou a respeito disso. Vale falar porque quem era, quem não era... Você passava a ter contato com outras pessoas da PUC e com outros movimentos universitários, quer a dizer, a PUC, eu acho que ao todo... a PUC era uma coisa pequena, entendeu? Você conhecia todo mundo de todos os cursos e ter algum vínculo com a política universitária da cidade. Então, só mais essa coisa. a PUC era, quer dizer, as diferenças de classe social existiam de fato. A maioria das pessoas vinha de colégios de Zona Sul do Rio – e aí eu estou falando de colégios bons – ou de cursinhos. E então algumas pessoas falavam assim: “Ah, a aula do Manuel Maurício, de não sei quando, não foi muito boa não”. Bom, eu nunca tinha ouvido falar em Manuel Maurício, entendeu? “Ah, o texto do Caio Prado, esse não deve ser discutido!”. “Porque Celso Furtado...” Então você tinha isso falado, logo no início, e você... Eu acho que duas coisas foram importantes na PUC: eu ter esse grupo, que dava um apoio de outro tipo, e lembro que a gente fazia curso de método, técnica de pesquisa, ou coisa no gênero, um curso mais... E teve assim na turma o primeiro ano, e teve a primeira prova. E aí tem um rapaz que depois ficou amigo que tirou 10 e eu tirei 9,5. E a maioria da turma tirou 3; 2,5; não sei o que, não sei o que... E aí, o professor vai lá dar a prova e fala: “Aqui, a nota do [Jorge Gomes], 10; Lucia Maria (risos). E aí a turma toda para e vai olhar quem é aquele ser que tirou 9,5 na prova. Então, sabe, como as coisas que acontecem, acabam... então já não era mais uma sumida naquele grupo, mas uma pessoa que sabia essa coisa estranha. E tinha esses amigos outros que faziam os laços, tá? Outra coisa... Eu vou falar dos professores daqui a pouco. Mas o que é importante: eu fiz política universitária 4 anos (risos)

L.L. – As aulas, eu vou conversar com vocês. Tem algumas pessoas da minha época que falam assim: “Ah, a formação no nosso tempo é que era boa!” Eu olho e falo: “eu, hein? Cruz...!” Não acho nada disso. Quer dizer, a gente tinha aula do criador da escola que é o Padre Ávila...

J.M. –Que dava aula...

L.L. – Pessoa muito distinta, fantástica, devemos prestar todas nossas homenagens. Mas tinha um livrinho de Sociologia que era ... uma coisa, quer dizer, era a sociologia vista do ponto de vista da igreja, por mais que ele queira... Então era assim, quer dizer, tinha um outro professor que se chamava Padre Ozanam. Outro dia encontrei uma pessoa daquela época falei: “Cadê Padre Ozanam?”. “Ah! Padre Ozanam foi para o Canadá, saiu da igreja, casou-se duas vezes...”. O Ozanam era um pouco mais aberto, mas pela época a gente entendia aberta a figura que era mais, assim, de esquerda, mas também eu não me lembro de uma coisa muito relevante que ele tinha. Não acho, não sei... algumas... quem dava aula de Antropologia para a minha turma era Manuel Diegues. Ele, assim... Nada daquilo, entendeu? Não teve nada que, de fato, tenha me seduzido para o campo da Sociologia. Sim, outra pessoa que dava aula de história era Francisco Falcon, que é um homem que sabe história, mas àquela época faltou...– depois se resolveu – Falcon dava aula em 50 cursos, 350 faculdades, aí ele chegava lá e falava:”hoje vamos falar e tátátá” . Eu juro, a impressão que eu tinha é que ele tinha introduzido uma fita cassete aqui assim e ele falava: “Porque tátátátátá....” (risos) E você com aquilo... Enorme, sem a menor graça, nada daquilo, entendeu? Então, a minha memória desses anos da PUC não é de formação nenhuma.

J.M. – Nem com as colegas? Grupo de estudo...

L.L. – Aí...

J.M. – Aí é outra história.

L.L. – Mas mesmo assim a coisa fundamental era a política universitária.

C.C. -. – O que significava a política universitária?

L.L. – Chegava lá, “oi!”, ver todo mundo, “hoje vai ter reunião de que?” Ir para o diretório, arrumar... A gente pegou 64, então tinha uma exposição de livros no diretório, livros de Sociologia, que aí a direita da engenharia entrou, apedrejou, a gente foi... “vamos fazer o que?” De tarde vamos falar na turma X ou Y, entrando, convocando para sei lá o que, sei lá o que. Era, olha, era... Sim, eu vivia no diretório, que era uma daquelas casas...

J.M. - Da Vila.

L.L. – Da vila, da vilazinha. Aquilo era... Só faltei levar colchão e dormir lá, porque a gente passava o dia lá, entendeu? E tal, e fazer isso e já começava o problema geral, não é? Não era só da PUC, mas em geral: de repressão etc, etc...

C.C.- – Mas antes, o golpe de 64. Qual é a sua lembrança da época, do que aconteceu, da situação, foi surpresa ou não?... Como estudante.

L.L. – Que coisa... Eu, obviamente que era da AP, não é? Então a gente sabia alguma coisa. Óbvio que a gente achava que aquele golpe seria (risos) não imediatamente, mas muito brevemente resolvido, não é? Mas aí sabia e tinha as forças... e cada dia se ouvia, a cada momento se ouvia uma coisa. Não sei quem, qual foi a tarefa que nos passaram, eu e uma outra passamos a noite de 31 na casa dela, aqui no Cosme Velho, porque a gente tinha que passar notícias. As pessoas nos telefonavam dizendo: “está acontecendo assim, assado, *tátátá*...”. E a gente tinha que repassar o recado para essa coisa. Então tem, vamos supor: “As tropas do General Moura” - não, como é que chama?

C.C. – Mourão.

L.L. - Mourão. “Estão descendo, soubemos, sei lá quem mandou avisar que não sei que, não sei que, *tátátá*”. Aí você tinha que fazer... Chegou no dia 31 nós íamos para a PUC ou íamos para a Faculdade de Direito, do CACO, que era aonde as pessoas iam se reunir, porque ia ser ali a resistência [riso]. Aí teve uma greve geral, não é? – essa é uma das coisas mais... Aí a gente veio andando do Cosme Velho, para passar aqui, para chegar em Botafogo, e aí passamos ali no Palácio Guanabara e vimos os tanques, as coisas todas... Aí fomos murchando, murchando, murchando. Sim, eu morava nesta época num pensionato na rua Real Grandeza, que é ao lado daquela igreja ali, que era uma coisa interessante. Esse pensionato, basicamente – obviamente de mulheres, de meninas – quase todo mundo, a maioria absoluta de pessoas eram estudantes de fora do Rio que vinham estudar aqui. Então era muito interessante porque você conhecia a mulher que fazia medicina na UFRJ, outra que fazia não sei o quê, entendeu? Você tinha um universo muito grande de pessoas e tinha também ali gente que sabia das coisas. Quando eu cheguei ao pensionato depois de passar essa noite lá na casa da outra sendo informante lá do coisa... Alguém falou: “olha, não faz isso não, porque...” E eu não fui para a Faculdade de Direito onde nós íamos fazer resistência. E aí, a partir dali, vamos dizer assim, fiquei vendo pela televisão as coisas todas mostrando. Obviamente que quem foi se deu muito mal. Sim, porque entre outras coisas as pessoas iam é por que ali também nós tínhamos armas para resistir ao golpe. Não teve isso, não tinha arma, graças a Deus, nada disso aconteceu. Fazendo uma ponte - isso aconteceu um pouquinho depois- aquela vez, mais tarde, que todo mundo vai para o prédio

aqui da Praia Vermelha, que depois a polícia fechou. Quer dizer, aquilo ali, por exemplo, eu não fui, eu não fui naquele dia por algum acaso...

J.M. – Aquilo já era 68 quase.

L.L. – Quase oito. Eu estou fazendo uma ponte um pouco adiante. Mas eu não fui por acaso. Quando aquilo aconteceu, eu olhei e tive consciência do seguinte: porque diante daquilo as famílias iam buscar os seus rebentos, não é? Aquelas famílias que eu conhecia. E eu tinha clareza que se eu fosse presa ali, não só não ia ter ninguém da minha família para me pegar, como minha mãe enfartaria (risos); não só ninguém ia me salvar, mas eu ia matar minha mãe! Então eu ainda tinha que fazer esse jogo. Mas, voltando a isso, então, a escola, não me lembro de nada disso. Eu gostaria até de saber como é que algumas pessoas que eram da Sociologia... Sim, e a Sociologia, vamos dizer assim, foi importante cerca de quatro ou cinco anos. Uma turma acima de mim, quem que eu me lembro... Moacir Palmeira, o Luiz Antônio Machado, Otávio Velho – pelo menos essas três pessoas eram da turma acima da minha, primeiro, não é? Também eu não sei se dessa turma antes... Miriam Limoeiro... Mas essa turma, quer dizer, Moacir, Otávio e Machado, que foram as pessoas que começaram a fazer aqueles livros para a Zahar. Essa pessoa, quer dizer, eu não sei se possivelmente isso estava sendo gestado nessa época, mas eu não sabia disso....

C.C. – Esses livros eram uma novidade na época, não é?

L.L. – Sim, sim

C.C. – Em comparação com o livro do Padre Ávila...

L.L. – Não tenha a menor dúvida, entendeu? Quem era de uma turma também era a Maria Vitória Benevides...

C.C. – Só uma dúvida, você chegou a pegar o Gláucio lá, como instrutor de pesquisa?

L.L. – Não.

C.C. – Porque ele foi uma figura marcante para quem o pegou...

L.L. – Não, não, já não estava lá. Tinha uma outra mulher, a Inês Quental, que é sobrinha do San Tiago Dantas, entendeu? Então, pois é, a turma era assim, toda... entendeu? Na minha turma assim mais propriamente você tinha a própria Celina, Ayrton Fausto que é da Flacso a vida inteira, Alexandre Barros, a Maria Laís Pereira da Silva, que era estudante. A turma logo abaixo, essa turma então era o seguinte: Alice Rangel - depois Paiva Abreu, não é? Lícia Valadares, Regina Lucia – depois Morel [riso]-, Lucia Klein, Sergio Miceli, Madalena Diegues, Lygia Sigaud..., De que nós estamos falando disso? E isso produzia, quer dizer, quer seja reuniões, a gente, quer dizer... Se tinha seminários... Eu estava muito mais envolvida com aquilo tudo, mas você participava de debates, um

livro importante, aquilo que vai acontecer...Me lembro que teve uma vez uma coisa de escrever monografias sobre Sudene (risos). Quer dizer, então tinha iniciativas. Então a minha experiência... Eu não posso nem dizer que o ensino da PUC fosse sofrível – mas eu acho que era, sim – e eu não era fiel para dizer nada disso.

J.M. – Em 66 - você se forma; no final de 66, não é isso?

L.L. – É.

J.M. – Bom, os militares já estão no poder há 2 anos e meio e o negócio já devia estar uma sensação diferente, ou não? Que não seria tão rápido, que não seria uma intervenção breve.

L.L. – Eu quero dizer o seguinte: eu fazia política, fazia essas coisas todas, já era da AP , das coisas todas, mas eu participava de toda iniciativa, de toda possibilidade que existia de fazer pesquisas. “Precisamos de entrevistadores para o projeto aqui e acolá”. “Vai para a favela não sei das quantas para preencher questionário”. Eu estava lá. “Precisa-se de não sei quem para fazer não sei que, não sei que”. Eu era, assim, a estagiária, bolsista – sei lá que nome tem – das coisas que apareciam. E obviamente que é uma experiência muito interessante, porque também você tinha aula de métodos e técnicas de pesquisa, uns livros que você olha, lê aquele livro, acha tudo uma idiotice, mas na hora que você vai fazer a pesquisa você descobre que você não sabe nada, não é? E a experiência desse negócio é fundamental. Então eu fiz várias pesquisas e fui... Quer dizer, aí 66, no último ano, tem duas coisas importantes. Em 66 – acho que 65 que começou isso – existia uma associação chamada AUI – Associação Universitária Interamericana – que fazia uma seleção para levar estudantes brasileiros aos Estados Unidos. Você passava um mês, um mês e pouquinho nos Estados Unidos. E eles faziam essa seleção no Brasil inteiro. E eu me candidatei, concorri e entrei. Eram levados 100 estudantes brasileiros para os Estados Unidos. Isso era um grupo ligado aos Kennedy, você ia para [INAUDÍVEL], chegava lá, ficava uns dias numa família norte-americana, depois passava 15 dias em Harvard, depois você ia conhecer Washington, Nova York e Miami.

J.M. – Quanto tempo isso?

L.L. – Um mês e pouquinho. Foi o melhor mês de férias da minha vida. Você não imagina o que é 100 estudantes brasileiros, que eles botavam dentro de um avião da Braniff - ainda existia avião da Braniff - você ia e chegava lá e, vamos dizer assim, a primeira vez que eu saí do Brasil e (risos) 95% das pessoas. E era uma coisa muito interessante, muito interessante: cada cidade tinha uma pessoa que ia, que tinha feito o programa dois anos antes; e ia como um, tipo monitor, não é? Enfim, isso foi uma experiência. Só para você... no meu ano foi... vou citar pessoas conhecidas: Lygia

Sigaud também foi neste programa e Jurandir Freire – nosso homem do... [riso] que foi de JUC também - eu entrego todo mundo - conheço de outros carnavais [riso]:foi de JUC, não sei se ele chegou a ser de AP, mas eu o conheci na época de JUC. E essa coisa foi uma coisa, assim, importante. Conheci pessoas do Brasil inteiro. Mas, vamos dizer, eu não conheci... você visitava Harvard que estava em férias, não é? Você só conhecia no fundo as coisas, professores que vinham apresentar. O seguinte: eu era nessa altura... Tinha clareza, quer dizer, como é que você era selecionado? Se você fosse de direita, eles não queriam, mas se você fosse muito de esquerda também não porque eles não iam gastar dinheiro com você. Então você tinha que ser de esquerda razoavelmente, mas aberto à... Então todo mundo falava: “Olha, o macete é esse”, quer dizer, você tinha que se apresentar para o grupo lá de selecionados... Então era essa a coisa. E o momento mais difícil foi quando nós fomos à Embaixada Brasileira, que era o Juracy Magalhães, entendeu? A dúvida era a seguinte: se a gente ia cumprimentá-lo ou não; se botava a mão para aquele que disse que “o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”, não é? Todo mundo tinha... Então, vamos dizer assim, tinha essa coisa.

J.M. – Mas a impressão dos Estados Unidos, dos norte-americanos?

L.L. – Tinha uma coisa: primeiro nós estávamos visitando *the best* (risos) - Harvard em plena Nova Inglaterra. Aquele riozinho, o Charles River (risos). Eu me lembro, na cafeteria da universidade, tinha um estudante de medicina do Recife, mas aquele do *interiorzão*, entendeu? E era o [INAUDÍVEL] as brincadeiras, o que se fazia, era uma loucura. Então era uma cafeteria assim, e você fazia assim e ele falava: “Oh gente, aqui a vaca é assim!”. Porque você pegava leite na máquina. Aí todo mundo ria com aquela história. Porque, realmente, era um choque cultural todo, não é?. É que mais que a gente podia... Chegava a noite, a gente ia para Boston: clubes de teatro, clubes de jazz... aí acontecia. E eles faziam o seguinte: tinha um dormitório das meninas e o dormitório dos rapazes. E quando se chegava... A gente podia entrar e sair sem problema, mas os rapazes tinham que assinar a hora que estavam chegando. Aí chegava no outro dia eles falavam assim: “Não aguento, Jânio Quadros tem chegado todo dia tarde!” (risos) Coisa brasileira, não é? João Goulart, Jânio Quadros, Juscelino, cada um assinava (risos) e eles não achavam... O guardinha que ficava na porta não ia supor que alguém ia assinar outro nome que não o seu. Então era uma farrá única, uma farrá única, mas foi isso. Mas era essa experiência de que ... E tinha uma mulher que cuidava da administração desse programa, Miss Elizabeth... Você sabe que o grupo da AUI está se reunindo novamente, há pouco tempo, já estão voltando, etc.. A Miss Elizabeth: sabe que uma mulher magrinha,

baixinha, botava ordem em 100 estudantes brasileiros, completamente desvairados, sem grito (risos); aquela força da autoridade, o poder que ela... E tinha uma coisa, você podia ir para esta experiência mesmo que você não tivesse um tostão seu. Tudo era pago e os dias que nós ficamos em hotéis em Washington, etc..., que era dia livre, você recebia um X para você poder comprar sua comida. Obviamente em Washington visitamos a fábrica da Avon, que era um dos financiadores, entendeu? Tinha os financiadores do programa. Então tinha uma coisa: se você não visitasse a fábrica, você não tinha a sua pensão para comer, entendeu? Então isto fazia quem podia ... Então era uma coisa assim: demonstração de eficiência, de organização... Eu só tive nos Estados Unidos, depois, um impacto equivalente ou maior no dia que eu visitei a Disney (risos) que é outra coisa, não é? Muito bem, voltei, soube que no Centro Latino-americano estava havendo... Estavam procurando uma pessoa para trabalhar numa pesquisa. Lá fui eu no Centro Latino-americano. E aí era uma pesquisa de um convênio do Centro Latino-americano com a Sudene para fazer uma pesquisa que se chamava: *Sobre polos de desenvolvimento em Juazeiro e Petrolina*. Então aquele negócio: a Lucia que não estudava, não sabia, mas tinha todas as experiências, me pegaram. Então eu fui para Juazeiro e Petrolina para treinar entrevistadores e aplicar um questionário. E ficamos um mês e não sei quanto. Então, vamos dizer assim, o segundo semestre do último ano eu pouco passei na PUC, entendeu? Não .Julho, as férias, os Estados Unidos foi nas férias, mas depois eu fui para essa experiência que... Enfim, só um pouquinho adiante, quer dizer, eu fiz, participei dessa pesquisa, voltei para o CLAPCS, fiquei até o fim da pesquisa e no ano seguinte foi feito novo convênio para fazer pesquisa similar no Rio Grande do Norte - e eu fui também.

J.M. – Já era formada?

L.L. – É, já era formada. No segundo eu já era formada. Na primeira eu era chefe de entrevistador, etc; no segundo eu era membro da equipe, tá? Essa experiência no Nordeste foi fundamental pelo seguinte: 1966, o mundo já diferente, etc, etc... Ainda havia nos grupos de esquerda um pouco a ideia de que a cidade estava isso, o Rio estava aquilo, a direita no poder, a direita não sei o que, mas que tinha-se, uma esperança que do campo virá a verdadeira revolução, virá, essas coisas. E eu fui para o nordeste, Juazeiro, que era um lugar que estava quente, que tinha tido... Mmesmo movimentos da igreja do MEB - educação de base - assim, tinha amigo da gente que era alfabetizador do MEB, não é? Isso tudo é uma rede, não é uma coisinha. E cheguei lá também encontrei ... Você chega nesses lugares, se você é de uma dessas redes, você acha as pessoas, não é? Achei lá pessoas, aí comecei a conversar e o que que eu vi ? Olha, o que tinha? Ou as

pessoas tinham saído e ido embora, ou tinham sido presas, ou tinham morrido, ou tinham qualquer coisa – não tinha nada. E eu cheguei ao Rio e falei para os meus companheiros: “Gente” – eu me lembro de eu falar assim – “Gente, isto aí”- que era o governo militar – “vai durar uns 10 anos!”. Agora, isto era a prova de que eu estava (risos) sendo corrompida pelas forças de qualquer outra coisa...

J.M. – Fraqueza ideológica?

L.L. – Fraqueza ideológica, entendeu? Não era... Aí, vamos dizer assim, só mais uma questãozinha em torno deste mundo da esquerda.

C.C. – Você estava errada, porque durou 20 anos, 21 anos. [risos]

L.L. – Só que eles achavam que era uma coisa, assim, cada vez que a repressão fazia alguma coisa, vinha aquela coisa assim... – aliás em outras situações... “viu? estão fracos. estão precisando”...

J.M. – Usar a violência.

L.L. – “Usar a violência porque não tem...” Então cada vez que a coisa apertava, o argumento era esse. Então estavam fraquíssimos, só que não era nada disso. Então isso era uma coisa. E o seguinte: o meu grupo da AP, da Sociologia, foi expulso da AP.

C.C. – Por quê?

L.L. – Porque num desses momentos - não sei precisar a data -, nós fomos convocados para panfletar - assim, porque além da coisa a gente panfletava, distribuía coisas [riso], subia em prédios na cidade para chegar lá distribuir, jogar panfleto lá por cima... Tudo muito, quer dizer, assim, em princípio política universitária, não era uma outra política - política universitária. E aí nós fomos convocados para ir para a Central do Brasil para distribuir um panfleto que nós só veríamos o conteúdo do panfleto quando chegasse lá na hora, entendeu? Aí os sociólogos todos: “Que é isso? Tenho que saber o que eu estou distribuindo!”. E nós não fomos. Aí o centralismo democrático teve reuniões, etc, etc... E o grupo como um todo; uma pessoa do – esqueci até como é que era o nome – do “estadual” foi à reunião do grupo, denunciou e tudo e o grupo foi expulso. Eu costumo dizer o seguinte: “Eu gostaria de botar no meu currículo” - um dos membros do estadual era Wellington Moreira Franco. Não era o único, era um membro. - Aí eu falei: “Vou botar no meu currículo: fui expulso da AP por Wellington Moreira Franco”. Não sei se isso vai ficar, mas eu acho uma boa coisa, como é que era. Então esse grupo, algumas pessoas depois retornaram, mas a minha coisa, isso tudo vai se movendo, não é, essa coisa de você já não ter, achar que não era aquilo, não ia acontecer nada, não ia mudar nada. E também, como eu disse, esses grupos todos são instituições totais. Eu tinha um namorado que, obviamente era

da AP também, colega de turma de Moreira Franco - a economia eu conheci. Não sei a data especificamente, mas a AP começa a ter uma opção pela fábrica, pela via operária, não é? Então estabelecem lá, não sei como, que alguns dos seus militantes deviam fazer a vivência na fábrica e este meu namorado foi virar operário. Aí se colocou: e eu, o que eu faço? E aí eu declinei, falei assim: “Desculpe, mas eu não vim do interior, eu não vim de Teresópolis para o Rio de Janeiro para chegar neste momento, fingir que sou operária. Eu não sou operária, não!”. Obviamente que isto envolvia o ... terminou... Só estou comentando isso para dizer: o grupo não era só um grupo que você estar de tal a tal hora você era militante. Não. Isso era uma coisa que envolvia toda sua vida, você participava desse mundo aí. Em 1966 eu me formei, eu tinha 21 anos.

C.C. – E qual era a perspectiva de trabalho, o que um sociólogo fazia...?

J.M.. – É, quais universidades?

L.L. – Eu já tinha... Foi o que eu te falei: o que eu ficava atrás era a coisa das pesquisas...

J.M. – No Centro Latino-americano você ainda continuava com o vínculo, formada?

L.L. – Sim, porque uma ano depois, quer dizer, eu fiquei, vamos dizer assim, seis meses, os últimos seis meses ainda estudante e um ano...

J.M. – 67 inteiro ainda no...

L.L. – Nessa outra pesquisa, tá? Então eu sabia, assim, eu não queria ser professora. (risos) Não era o meu papo, entendeu? Não queria ser professora. E eu achava, quer dizer, procurando você encontraria pesquisas a serem feitas, como eu já tinha visto, quer dizer, eu já tinha... Quer seja na Sudene, quer seja em alguns órgãos do próprio governo... Se vocês olharem a trajetória de Lícia Valladares também vai para a área de pesquisa de favela, quer dizer, se você tivesse uma coisa, você poderia, tá? O dramático do Centro Latino-americano, é que nesta época ele já estava em franca decadência. Ele guardava vestígios de uma época mais presente, financiamento e tudo e tipo de coisa seguinte: nesse ano e meio de estudante e depois, eu brincava o seguinte: que eu viva do meu reescalonamento da minha dívida externa porque a gente só recebia quando a Sudene pagava as prestações de um convênio. Então vamos supor: a primeira prestação, 3 meses depois, então você recebia. Só que você precisava viver 3 meses, então... Sim, porque a família considerou o seguinte: até o estudo tudo bem, você fica, tem que viver aí no Rio, etc..., mas ao momento que você se forme, a família esperava que eu voltasse para Teresópolis para ser professora do Colégio São Paulo, sei lá [riso]; A filha de uma vizinha tinha feito isso: veio aqui estudou Geografia e foi para lá dar aula num colégio sobre Geografia. E eu tive que avisar à mãe de que eu

não voltaria, não é? E ela olhou para mim e falou: “Tudo bom, mas então é por sua conta”.

(risos)

J.M. – Você ainda estava no pensionato?

L.L. – Não, eu já tinha, eu e duas outras, já tínhamos alugado um apartamento, já estava... uma zona... Vários níveis de pessoas que você vai morar junto, não é? E então falou: “Não, então é por sua conta”. E eu engoli assim e falei: “É isso aí.” Então eu precisava me sustentar. O que é que eu fazia? Eu pedia dinheiro emprestado: “Será que você me pode emprestar um dinheirinho, não sei o quê ...”. Quando eu recebia, a primeira coisa que eu fazia era pagar correndo, para poder, daqui a pouquinho voltar a pedir outra vez. Então vivia de reescalonamento de dívida externa. Ou seja, você tem que ter uma rede de amigos muito boa para poder fazer isso... (riso)

J.M. – As instituições totais...

L.L. – Exatamente, se não fosse isso como é que eu ia fazer isso? Não podia. Neste quadro... Sim, o Centro Latino-americano, aquela coisa, o próprio Diegues que era o Diretor, o Medina, que era o responsável, mas não, entendeu? A sensação de você ver as instituições desmanchando...

J.M. – O fim do baile...

L.L. – É muito, muito... Então eu sabia que eu estava ali fazendo aquelas coisas, vendo coisas, mas que tinha que estar com a antena ligada. Nisto, antena ligada, alguém me falou – engraçado, comigo certas coisas sempre tem assim (riso) “alguém me falou”; “alguém me falou disso”, “alguém me falou daquilo” - Alguém me falou que o Sesc nacional estava contratando sociólogos. Aí fui eu lá correndo para o Sesc, foi feita uma seleção, tátátátá... E eu fui contratada pelo Sesc. Eu, sozinha, não. Eu, Alexandre e outra pessoa que era da minha turma, que hoje está... Arlindo Fábio Gomes de Souza, que foi diretor da FioCruz lá, irmão de Paulo José. Sim, Arlindo é irmão de outro figura da JEC, que é figura da igreja até hoje, não lembro, vou lembrar daqui a pouco...

[FINAL DO ARQUIVO 1]

C.C. – No intervalozinho técnico você falou que tinha uma musiquinha na PUC para você. Vale à pena registrar. [risos] Para a posteridade.

L.L. – A gente tem que aprender a cantar ela para falar, mas é...: “Lucia Lippi, Lippi, Lippi, que estudou Sociologia, mas à aula ela não ia” [risos] Aí continuava: “Não sei o que lá no pilotis”. Eu era conhecida, só faltava ter um lugar reservado no banco de tanto que

cantavam para mim e riam, a gente... Mas uma coisa que você falou, você mencionou isso, conhecimento ou ascensão pelo mérito. Mérito e uma outra coisa, como eu disse: a família mandava dinheiro, um X de dinheiro que eu pagava o meu pensionato. Mas não dava para pagar a PUC.

J.M. – Você tinha bolsa?

L.L. – Eu fui ao serviço social da PUC e falei: “Aqui, olha, minha mãe é professora primária”, trazia o contracheque da minha mãe, e assim, vamos dizer assim, no primeiro ano... Eu não me lembro como é que foi, eu não tive todo, Mas no primeiro ano era 50%, no segundo ano 75, não sei que, não sei que...

C.C. – Essa ascensão pelo mérito eu mencionei porque você falou da nota: você tirou 9,5... “Quem é esta pessoa?” E não era... Tinha um sobrenome ilustre, mas era uma desconhecida que tirou 9,5. Você era considerada uma boa aluna da PUC, de destaque nisso, ou não?

L.L. – Depois de tudo o que eu falei... [riso]. Não. Não era uma boa aluna da PUC. Eu era uma pessoa conhecida...

C.C. – Popular.

L.L. - Eu tinha essa relação toda, ou seja, era possível a gente, sei lá, se fosse necessário alguém para fazer alguma coisa, eu poderia ser cogitada, entendeu? Alguém... Um professor até me indicaria para um...

C.C. – O que a gente chamaria aqui: um bom assistente de pesquisa, quem tem um... Mas então? Você está de assistente de pesquisa em 67. Em 68. No Centro Latino-americano em decadência...

L.L. – 66-67

C.C. – 67. E aí? 68...

L.L. – Aí, eu... Sim, só essa coisa, essa pesquisa primeira no interior – Petrolina e Juazeiro – também isso tinha um sociólogo haitiano que estava no centro lá. Que foi o coordenador da pesquisa. Aí você está começando a lidar com sociólogos do mundo, América Latina, entendeu? Fazendo pesquisa... A experiência deste mês lá foi absolutamente fantástica, entendeu? Fiz e entrei para o Sesc nacional.

J.M. – 67 ainda?

L.L. – 67. Mas eu acho que eu fiz a seleção em 67, entrei em... Por aí, 67, 68. Demorou... Durante um certo tempinho eu me considerei a pessoa mais rica do mundo porque, assim, dentro do Sesc foi a primeira vez que eu tive emprego, tirei carteira profissional, assinaram a minha carteira, salário depositado em conta bancária. Era fantástico: a primeira vez que

eu tinha conta bancária! Primeira vez que tinha carteira profissional. E era aquela experiência de no dia X do mês você recebe o seu salário. Eu fiquei... E o Sesc, este Sesc nacional tinha uma experiência que era o seguinte: o trabalho era de meio dia as sete. Então eu fiquei algum tempinho terminando a pesquisa no Centro Latino-Americano de manhã. Então eu, de repente, tive dois dinheiros: um de salário, o outro negócio... Eu não sabia o que eu ia fazer com tanto dinheiro na minha vida... [risos]

C.C. – Pagou a dívida externa... [risos]

L.L. – Ah, sim, a dívida eu sempre... Isso era uma coisa... Eu era leal... Porque você pedia a alguém... A possibilidade de você precisar outra vez e pedir para a pessoa, você tinha que provar que você era um bom pagador. Então mesmo que eu ficasse à zero outra vez eu pagava as pessoas - então eu tinha crédito. O Sesc não sabia o que ia fazer com os sociólogos e nós também não tínhamos ideia porque o Sesc estava nos contratando. Muito estranho, muito esquisito, aí eu inventei uma pesquisa que a gente ia fazer com as próprias unidades do Sesc, para conhecer o Sesc: ver, julgar e agir “[risos]. Eu acho que eu nunca aprendi pesquisa nenhuma, eu continuo no “ver, julgar e agir” [riso]. Quer dizer, veio a situação, então bolamos uma pesquisa no Sesc, mas não sabia o que... Falava: “ah, então vamos fazer...” e aí fizemos isto. Mas aí eu tenho que lembrar uma outra experiência que a gente teve que eu tentei lembrar a data, mas é antes disso tudo, que houve um seminário de Metodologia em Ciências Sociais, que era feito na casa de um conhecido na época, Paulo Hime, que era aqui na praia de Botafogo. Este seminário juntava pessoas de diferentes lugares - PUC, UFRJ e daí vários lugares - para estudar Metodologia em Ciências Sociais.

C.C. – Mas era um seminário informal? Ou era um curso?

L.L. – Sim, sim. Sábados à tarde. A gente ia para lá. E quem dava esse seminário era Wanderley Guilherme dos Santos. E era uma coisa que eu me lembro, assim, algo como da Grécia aos nossos dias: os pré-socráticos, os epicuristas, Kant, Godelier, Balibar...

C.C. – Isso, Wanderley? Sozinho?

J.M. – Metodologia. [risos]

L.L. – Dava. Dava Metodologia das Ciências Sociais. E era também, quer dizer, tinham pessoas que vinham da UFRJ, na época já era UFRJ, que vinha, que ele conhecia. Também não me lembro como eu soube disto, mas este grupo cresceu, cresceu e depois ele inclusive deu um filhote. Na casa de mais não sei quem lá foi feita uma outra turma. Eu tenho impressão - não me lembro direito - que a gente pagava. Porque era também uma coisa, essas pessoas também estavam convivendo situações de perseguição, de coisa

e tudo, e precisavam subsistir. Então o que se falava: “como é que você vai subsistir?” “Você tem que fazer o que você sabe, então você é um intelectual, sabe *tatatá*, então vai fazer isso.”. Ali, a primeira vez eu tive contato com o que era, vamos dizer assim, um certo estudo sério, não é? Puxa, é isso tudo? É isso aí mesmo? Embora, vamos dizer assim, um pouco... Ali a gente conheceu o Wanderley, embora conhecesse o autor. Pelos grupos de esquerda a gente conhecia o Wanderley que basicamente tinha escrito o *Quem dará o golpe no Brasil*. Essa era a coisa: “poxa, esse cara viu, escreveu antes de todo mundo que não era a esquerda que ia dar o golpe e, sim, a direita”. Então a gente tinha uma coisa de...

J.M. – Reconhecimento.

L.L. - Reconhecimento fantástico em relação ao Wanderley. Então essa experiência foi interessante, foi importante, mas eu digo que era também absolutamente paralisante. Você aprendia tudo que você não podia fazer.

J.M. – Como assim?

L.L. – Seguinte: se você fizer uma associação entre tal evento e tal norma de comportamento social, você está epistemologicamente errada porque a unidade do indivíduo não combina com as teorias de meio alcance. As teorias de meio alcance se equivocam porque a estrutura da sociedade, do mundo... Entendeu? Os cursos de epistemologia e metodologia mostram, inclusive ao analisar algumas obras, mostra tudo que aquele ali falhou... Como é que você conseguiria descobrir qual era a linha histórica correta? Sim, porque todos os grupos pretendiam estar deduzindo uma solução política a partir de algumas premissas teóricas e, portanto, científicas. E como é que você tinha...? Todo mundo queria isso! Então as linhas eram diferentes porque um estava pegando uma linha do marxismo, quer dizer, que não era a boa linha, está pegando o velho Marx, não, novo Marx, está pegando não sei o quê. O outro está fazendo não sei o quê... Então você ia... Esses estudos, não das teorias, mas da metodologia envolvia isso, entendeu? Há um equívoco na sua epistemologia, na sua metodologia, por isso que você está chegando a essa posição aí que é um equívoco. Então aquilo vai, vai, vai, e eu ouvia aquilo, aprendia, mas me dava... Um dos crimes da época era você dizer para alguém que você é um eclético. Isso era uma coisa... A herança do próprio ISEB: aquelas pessoas, aquele ecletismo todo - lógico que não ia dar certo. Então você não podia [riso] misturar teoria, era, vamos dizer assim, era uma coisa... Muita gente, depois... Uma das pessoas que foi desse grupo aqui, foi... Professor de política da UFF... Ai, meu Deus! Vou esquecer o nome dele... Que depois fez muito a cabeça de muito aluno da UFF mais tarde...

J.M. – Está aí até hoje?

C.C – Gisálio? Eurico?

L.L. – Não, não, não... Bom...

C.C. – Mas isso durou ao longo de todo ano de 68?

L.L. – Não sei se foi 67, 68, se foi metade... Foi metade?

C.C. – Mas 68 foi um ano de muita... Radicalização, pelo menos assim que é muito descrito, não é? Politização, certa euforia de que o regime poderia estar caindo, ao mesmo tempo o regime, no final do ano, o momento mais duro de todos, do AI-5... Qual é a sua lembrança dessa...? Você continuava trabalhando no Sesc?

L.L. – Aí é o seguinte: eu estava no Sesc, possivelmente, eu não sei se esse seminário que acontecia em 68 também. Eu tinha, quer dizer, de alguma forma, esse grupo de esquerda, de alguma forma eu me destacando porque eu estava saindo, quer dizer, eu não comungava mais com a ideia de que estavam reprimindo porque estavam fracos, pelo contrário, eu achava fortíssimos, entendeu? Então eu fui... Sim, aí lembrei: uma das coisas que me consolava no Sesc, estar no Sesc, é que no início da carreira, o Wanderley Guilherme dos Santos e Zé Américo Pessanha - que era o outro filósofo que a gente ouvia atrás - tinham trabalhado no Sesc. Então falavam: “Isso aqui é uma coisa horrorosa, mas aquelas pessoas trabalharam aqui no seu início de carreira, eu não vou ter que ficar aqui o resto da vida!” [risos] “Isso aqui não é uma coisa que vai me agarrar, não vai colar em mim e eu não sair...”. Então eu tinha muito assim... O próprio Wanderley fez... Depois tem um segundo livro dele que foi publicado pelo Sesc, eu já esqueci qual é, mas na época, que foi a pesquisa que ele fez no Sesc, mas aí era pesquisa de leitura, de trabalho, ele tinha um certo apoio. Então eu consolava essa coisa. Em 69, eu casei. Fevereiro de 69. E em 69, também, eu soube da prova da primeira turma do mestrado de Ciência Política do Iuperj. Obviamente, o que que era o Iuperj para mim? Sim, no último ano da faculdade, a gente teve, na PUC, um curso que era “Sociologia da Arte” que foi Costa Lima que deu e tivemos um curso de, ou “Sociologia do Desenvolvimento” ou “Nacionalismo-Desenvolvimento” que foi o Cândido Mendes que deu, mas uma parte das aulas foi a assistente de Cândido Mendes, chamada Aspásia Camargo, que deu aula. Então, vamos dizer assim, o Iuperj que eu soube que ia fazer um curso de Ciência Política não sei o quê, não sei o quê é onde? A Aspásia estava lá. A Aspásia também estava fazendo pesquisa, tinha um grupo começando no Iuperj, antes do Iuperj ter aula, Wanderley... Wanderley é um dos criadores do Iuperj. Então essa experiência estava acontecendo e a gente sabia, quer dizer, eu acho que era Aspásia, era Eli Diniz e era Sônia Camargo, porque as três eram colegas de turma da UFRJ. Então

essas pessoas estavam lá no Iuperj. Então era isso. E tinha... A história do Cândido Mendes dando aula... Cândido Mendes... Ele... Não sei se foi formulação dele, durante a aula ele falava frases bombásticas, como fala até hoje...

J.M. – Desde sempre...

L.L. - Aí dizia assim: “o conceito de povo é um *long play* metafísico”.

J.M. – É um *long play metafísico*?

L.L.- “*What the hell is this?*” [risos], Entendeu? Umas coisas assim... Aí ele vinha, escrevia no quadro, o quadro inteirinho: *tatata*, e depois ele era possuído. A gente não entendia nada, mas aquilo era... Sabe? Aquele ensino... [risos],

J.M. – Impressionava.

L.L. – “Não estou entendendo, não, mas deve ser interessante isso”. E tivemos as aulas de Aspásia, que já era um “Princípios de interpretação do Brasil”: “ah, que coisa interessante...”. Então, vamos dizer assim... E, sim, teve o livro: “Nacionalismo-Desenvolvimento”, que depois as más línguas diziam: “ah, você não sabe? Na página 266, tinha um cupom que você ganhava um carro!”. Nunca ninguém foi reclamar [risos], nunca ninguém chegou a pagar esse cupom..., então todo mundo {INAUDÍVEL} essa coisa. Então sabia-se dessa história. Bom, lá fui eu, então, para fazer essa prova, ler os textos para a seleção e tinha muita coisa de sociologia empírica, como é que chama aquele livro do Lazarsfeld, assim, entendeu? E a gente: “Meu Deus, vamos lá nós!”, etc., etc. E aí teve o processo seletivo...

J.M. – Que era só prova? Ou tinha entrevista também?

L.L. – Não me lembro. Não me lembro. Primeira turma

J.M. – Foi lá fazer a prova.

L.L. – Fui lá fazer a prova, várias pessoas... Fiz e aí entrei. Eu entrei em 4º lugar.

J.M. – Entraram quantos? 10?

L.L. – Acho que um pouquinho mais na primeira turma. Mas aí entrou Vera Pereira, Vilma Figueiredo, Eli Diniz e eu. Assim, estou fazendo ode a minha... Mas nós 4 e mais... Obviamente que essas experiências de pesquisa que eu tinha vivido me davam uma maneira de lidar com aquele negócio, porque acho que tinha uma coisa

assim: “você chegou não sei aonde e você vai investigar qualquer coisa lá. O que você faz?”

J.M. – Ah, as perguntas eram assim?

L.L. – Tinha uma pergunta assim...

J.M. – Uma pergunta que era assim.

L.L. - Entendeu? Aí aquela coisa... A imaginação sociológica.... esse momento todo era o clima de Wright Mills, não é? Estão falando, imaginação sociológica: tem que saber, tem que... Então certamente isto me ajudou nessa coisa, não é? Eu achava que com esta classificação eu teria uma bolsa do CNPq. Já estava começando a bolsa do CNPq. E isto não aconteceu.

J.M. – Alguém teve? Todos os três anteriores?

L.L. – Não me lembro se foram os três anteriores, mas várias pessoas. Eu não entendi nada. Aí eu comecei, conversando, a ver os meandros das coisas [risos]. E eu equivocadamente achava que a ordem da aprovação seria a ordem da... E verifiquei que não. Depois descobri que independente desta classificação, o Iuperj mandava uma lista para o CNPq das pessoas que ele queria dar a bolsa. Todo aquele princípio... Eu só obtive bolsa no segundo ano.

C.C. – Mas você não estava na lista porque tinha o emprego no Sesc ou...?

L.L. – Possivelmente, possivelmente, mas ninguém me perguntou isso! [riso]

J.M. – Você continuava no Sesc?

L.L. - Eu queria ter a bolsa para largar o Sesc e não tive a bolsa porque trabalhava no Sesc! [riso]. Então era difícil... Não, certamente, várias pessoas deviam estar... Quer dizer, quem está em que situação e deram a bolsa lá. Esse primeiro ano foi absolutamente difícil no seguinte sentido: eu voltava, eu... O primeiro ano que eu fiz curso, as aulas eram na cidade, ainda. Ainda não era em Botafogo. E a gente tinha aula tipo seis e meia até de noite. Então começava a assistir à aula... Quando acabava a aula, o professor indicava: “aqui ó, tem tais e tais artigos para ler, etc, etc. Os artigos estarão na biblioteca”. Só que na hora que acabava a aula, a parte da biblioteca já estava fechada. Então quando eu ia lá um dia depois, dois dias depois, todas as cópias dos artigos que tinha que ler já tinham sido pegos [risos]. Então eu acho que eu tenho um certo trauma porque [INAUDÍVEL]“democrática, todo mundo”, porque eu vivi muito essa situação. E era muito... Realmente você passava a ter duas categorias de aluno: aquele que era bolsista ficava lá e podia tal e coisa; e os outros - *nosotros* - que iam lá para

ver o que acontecia. Obviamente, no segundo ano isto muda porque consegui a bolsa, saí do Sesc, e virei estudante profissional. [risos]

C.C. – Como é que era o curso? Quer dizer, você pegou a primeira turma de uma instituição que existe até hoje, uma trajetória fundamental nas Ciências Sociais no Brasil. Mas primeira turma... O que era o curso no Iuperj naquela época?

L.L. – Bom, o primeiro ano dessa coisa... Teve... Eles chamaram - não me pergunte por que - a Maria Sylvia Carvalho Franco para dar um curso para gente, e ela vinha de São Paulo, da USP, vinha e dava uma aula, que era um pouco “Sociologia do Brasil Contemporâneo”. Mas o que foi mais, assim, marcante depois - logo em seguida - foram os cursos de Bolívar Lamounier e Simon Schwartzman. Os dois estavam recém vindos dos seus doutorados nos Estados Unidos. Depois, um pouquinho depois, teve Amaury de Souza. Mas acho que Amaury foi para o Iuperj um pouco depois ou voltou dos Estados Unidos um pouco depois. E tivemos, mais tarde, Wanderley também como professor da Iuperj, mas aí o Wanderley estava fazendo doutorado e só volta... eu só peguei, acho, que no último ano, sei lá, bem no final. Ali nós começamos a ter noção, também, de uma Sociologia, de uma Sociologia política, de uma reflexão sobre o Brasil. Aliás, no curso do Wanderley sobre metodologia, a gente começou a ter contato com o que se produzia em Minas. Eu acho que era Antonio Octávio Cintra tinha escrito um artigo que na época se lia, quer dizer, independente dos cursos, você tinha, assim, alguns artigos chaves que chegavam e as pessoas circulavam. Então, vamos dizer assim, a gente teve alguma noção de uma... A transformação, vamos dizer assim, da velha teoria política ligada ao Direito, etc, etc, para a mais empírica. Aconteceu em Minas, não é? Entendeu? E isso aqui que a gente recebe. Obviamente essas pessoas estão dando as primeiras... É a primeira vez que eles estão dando aula também. Não vamos falar, sonhar. A pessoa tinha feito a pesquisa, conhecia muita coisa, mas isso não significa que o curso fosse nenhuma maravilha, não, porque uma coisa... [risos]. Mas, certamente, anos luz da experiência lá da PUC.

J.M. – Seus companheiros de turma? Você lembra de outras pessoas, além...?

L.L. – Lembro, outras pessoas, quem entra... A Celina, a Vargas do Amaral Peixoto também entrou na mesma turma. Tinham duas outras colegas de turma... Lucia Klein entra também. Ou seja, pessoas, daquele grande grupo da PUC, de diversas turmas, estão juntas ali porque não tinha outro mestrado. Quem mais? Maria Antonieta

C.C. – Leopoldi.

L.L. - Leopoldi, que vinha do interior de São Paulo... Então as pessoas se juntaram ali. Que mais desse curso? Teve um professor de metodologia... Essa coisa... E chamava-se Peter McDonald – não lembro se era M-A-C, ou M-C, só –, que ensinava... Aliás, era um bom curso, porque isso: como é que você tinha uma questão, você transformava aquela questão; quais seriam os indicadores que falariam sobre aquela questão, a partir daí, como você trabalharia isso, as variáveis... Obviamente eu fazia todos os cursos dessa área, entendeu? Era comigo... Época que a gente aprendia... Sim, nós estamos falando de perfurar cartão, não é? Aprender a perfurar cartão... Desde a PUC... A pesquisa tal, perfurar cartão... E o Peter ensinava essa coisa, quer dizer, é uma visão não tanto instrumental do método de técnica de pesquisa, mas como é que você processava isso – eu achava interessante.

C.C. – Mas você tem um peso maior de uma tradição mais de pesquisa empírica, talvez? As pessoas estavam tendo, também, uma experiência nos Estados Unidos, não é?

L.L. – Ah, sim, sim, sim. Essas pessoas... Quer dizer, este grupo que estava entrando ali é o grupo que é, vamos dizer assim, derivado da experiência em Belo Horizonte, aquelas coisas todas.... Tem um grupo, uns vão para Cepal, outros vão para os Estados Unidos – essa transformação que a gente está vendo, entendeu? Então tem coisas do tipo... Então essa parte toda da discussão, o pau nessa época envolvia de uma certa... O contexto da cidade contra o Iuperj, aquela instituição empiricista, norte-americana, que está aí fazendo essas coisas, ensinando a Ciência Política norte-americana, contaminando as mentes das pessoas que estavam nisso! [risos]

C.C. – Agora, Lucia, só para perguntar sobre o contexto... 69, não é? 69... Você tem o AI-5 no final de 68, tem um grupo grande de pessoas que é afastado, aposentado... E já a opção pela luta armada... Mas esse contexto afetava de alguma forma ou você se sentia numa bolha?

J.M. – Você já não estava mais na AP, já tinha sido expulsa.

C.C. – Já estava fora, mas...

L.L. – Já tinha sido expulsa da AP, estava lá estudando.

C.C. – O meio acadêmico foi muito afetado.

L.L. – É. O que tinha é o seguinte: quer dizer, estava... Não fui para linha operária e muito menos para luta armada, isso não era... Nada a ver. Mas as pessoas todas se conheciam... Então, só antes de casar: eu e uma amiga minha morávamos em um apartamento em Ipanema que a gente tinha alugado perto da...

J.M. – Isso com a bolsa, não é?

L.L. – Não, isso antes. Morava ali, dividíamos um quarto... E aí de repente esta amiga minha... O namorado dela veio morar com a gente. O que foi uma coisa muito... Quer dizer, uma coisa é duas amigas dividirem a coisa e de repente ter um... Eu estava morando com um casal! E arrumei e me mandei. Uma semana depois a polícia chegou lá, prendeu os dois, ele tinha... Ele não era da armada, mas tinha assim, um mimiógrafo que ele tinha escondido não sei da onde, panfleto que distribuía na favela não sei das quantas. Então esse, assim, eu escapei por uma semana.

C.C. – Escapou por pouco.

L.L.- É.O depois o seguinte: claro que... 69,70 tinha uma coisa: eu não gostava nem de ler o jornal porque era uma coisa assim: você estava lendo aquele jornal - primeiro uma parte, notícias mentirosas que não era nada daquilo; segundo: caiu o aparelho, aí você começava a ler os jornais...

C.C. – Fulano morreu atropelado enquanto fugia da polícia! Aquela... Eu lembro disso.

L.L. – Então tem muito isso e tem outra complicação que essas pessoas conhecidas, por exemplo, vinham pedir para você esconder. E você sabia, quer dizer, nessa época, o Márcio, meu ex-marido, à época, que vinha da JUC, só que mais *light*, menos AP, mais... Mas tinha milhões de conhecidos. Um dia chegou um amigo dele, conhecido lá, muito, para ficar na nossa casa. E a gente, muito bem. Esse ficou um mês. Um mês e pouco. E um certo momento minha mãe me telefonou dizendo: “ah, vou passar o fim de semana com você aí...” - Ela não vinha nunca, não posso dizer... Chegou de noite, o Márcio chegou e falei: “Márcio, é o seguinte, minha mãe é *catolicola*, uma fora do mundo, mas burra nunca foi. Ela não vai entender nada! Como é que tem um amigo nosso que mora aqui neste quarto, um homem, alto forte, saudável, etc, que não sai nunca de casa!” Como é que você vai... não tem... “Só se a gente engessar a perna dele, dizer que ele está doente, porque não... Não tem história...”. E obviamente sabia também o que estava acontecendo, essas coisas. Aí tivemos que conversar para ele arranjar um aparelho para trocar o lugar da... Tempos depois esse rapaz foi um dos nomes trocados por algum desses... Embaixador, sei lá o quê e a gente sabia depois que a estratégia das instituições que estavam tendo seus quadros presos era primeiro entregue os outros. A última coisa era entregar os seus... Quando a gente viu o nome dele no jornal a gente falou: “Ai, meu Deus do céu! O que vai acontecer?”[risos]. Outra vez, chegou um outro casal, um rapaz conhecido nosso: “Preciso levar uma pessoa à São Paulo”. Márcio tinha carro. Um fusquinha, mas tinha carro. “Então a gente queria pedir a vocês o carro emprestado”. E você sabe... Quer dizer,

essa situação é difícil, porque você dizer “sim” de alguma forma está comprometido, e dizer “não” é um risco, quer dizer, se for preso, morto depois: “Ah, matou seu amigo!” Uma coisa horrorosa. Aí ficamos naquela coisa e o Márcio teve uma luminosa ideia. Ele falou “Não, eu vou a São Paulo junto, ao invés de emprestar o carro”. Aí fomos eu, ele, casal atrás. Chegando na saída do Rio...

J.M. – Blitz.

L.L. - Blitz... Você dentro do carro, sentindo... Só que o policial chegou, dois casais, pediu os documentos do carro, o Márcio deu os documentos... Você já imaginou se pegasse o documento do carro com uma pessoa que não fosse? E ele, o caso. Então a gente vivia um pouco esses altos e baixos, entendeu? Do que podia. Mas de fato, não tivemos nada, assim, concretamente, a não ser...

C.C. – Mas era um tema de medo, preocupação...

L.L. – Sim, claro. Esse namorado dessa amiga minha que eu tinha morado, a gente tinha morado junto, quando você chegava, assim, você descia na Rodoviária, aí quando você olha tinha fotografia: “PROCURA-SE -, era ele! Eu digo: “Ai meu Deus do céu!” [risos], entendeu? Você estava... A não ser que você migrasse para um lugar... Essa coisa estava... E cada dia você tinha uma notícia pior, uma coisa mais... Quer dizer, certamente, teve gente perto, mas eu não estava envolvida já com os grupos que estavam... Esse meu antigo namorado se mandou do país, foi embora, entendeu? Um tinha ido embora, o outro... Mas se você fosse a Paris você encontrava mais gente de grupo desse que estava lá refugiado...

C.C. – Mas e aí você... Bom, no Iuperj você foi orientada afinal pelo Wanderley a fazer uma tese sobre PSD. Como chegou no PSD e no Wanderley?

L.L. – O seguinte. Eu comentei, quer dizer, os cursos eram esses... Dentro do Iuperj que tem cursos sobre Teoria política, Maquiavel, Hobbes, Rousseau, essa linha chamada mais clássica e depois de teoria política mais contemporânea. Aí a gente estava ali na... Quer dizer, com um grau de absorção maior ou menor, mas se informando. E, vamos dizer assim, dois cursos foram importantes: teve um curso do Hélio Jaguaribe, que era... Não me lembro o nome do curso, mas alguma coisa sobre Sociologia do Brasil Contemporâneo – aquelas coisas do Hélio – que foi muito interessante. E eu digo o seguinte: o tema da minha tese emergiu da aula de Hélio. Alguma coisa que foi falando... E aí eu falei assim: “E o partido? Como é que a gente vai fazer? E o partido mais importante?” Alguma coisa assim. Emergiu o tema desse curso. Outro curso importante foi o curso do Simon. O curso foi importante, entre outras coisas,

porque Simon dividiu a turma em subgrupos e cada um de nós passou a fazer um *paper*... - Não, quer dizer, tinha os *papers* lá... - mas um *paper* de pesquisa, um *paper* de coisa... E, obviamente, o meu grupo, o meu subgrupo era: Celina, Maria Aparecida Alves Hime e eu. E estudamos o quê? A Revolução de 30! [risos]. Mas só o seguinte: esses trabalhos foram publicados no volume 7 da Revista Dados. O volume 7 da Revista Dados são os trabalhos desse curso de Simon. Simon estava recém... Quer dizer, tinha defendido a tese... Não me lembro... Estou me esquecendo de quando é o livro, mas é a tese dele. Então discutindo tudo: Brasil, cooptação e...

J.M. – *São Paulo e o Estado Nacional*...

L.L. - *São Paulo e o Estado Nacional*. Então aquilo ali era, vamos dizer assim, foi a coisa importante de definição dessas coisas. Muito bem. Ao mesmo tempo, o que era o máximo para gente? Era o Cebrap.

J.M. – O que era?

C.C – O máximo.

L.L. – O Cebrap.

C.C. – Por quê?

L.L. – Os professores aposentados na USP foram lá, criaram o centro de pesquisa... Aquilo lá era o apogeu, o paraíso era aquele. E aí eu resolvi ir a São Paulo... Sim, Francisco Weffort era... Sim, polêmica de Francisco Weffort que escreveu sobre a questão operária, aquela coisa... Eu estou tentando lembrar... Tinham alguns textos que circulavam para além da publicação *Stricto sensu*. Esse circuito... Tinha havido... O texto do Francisco Weffort era sobre populismo, que também tinha a ver com o curso do Hélio Jaguaribe. Discutir populismo, discutir... Eu fui à São Paulo e marquei um encontro com Francisco Weffort levando na mão o *paper* final do curso do Hélio Jaguaribe que tinha propostas, já emendava com a proposta de estudar o PSD. E cheguei e fui lá falar com o professor Francisco Weffort e falei: “Oh, eu estou fazendo uma pesquisa aqui assim, assado, queria saber se você toparia me orientar”.

J.M. – E o Weffort? Ele poderia te orientar com você estando no Iuperj?

L.L. – Sabe que eu não sabia? [risos] A minha pouca... E Weffort aceitou. E eu cheguei no Iuperj e depois eu descobri que eu tinha que ter um orientador da casa e não de fora. Pois é, vamos dizer assim, as regras... Como era a primeira turma, primeiro tudo, não havia regras explícitas e conhecidas e nem... E não tinha... Acho graça, que a gente chama, chama os alunos

e explica que “o regimento interno é este, este, este”, “conheço o regimento...” Não tinha regimento. Que regimento interno?

C.C. – Também não tinha uma tradição já consolidada do senso comum, vamos dizer, acadêmico.

L.L. – Eu não tinha a menor ideia que o orientador tinha que ser da casa. E não me foi falado isto. O que foi falado foi o seguinte: “Não, tem que ter um orientador da casa por causa da sua bolsa”. A bolsa do CNPq é igual. Eu fiquei com dois orientadores. Para fora, o Francisco Weffort e para dentro, o Wanderley.

C.C. – Mas você falou com o Wanderley, abriu o jogo, teve problema? Dividir a orientação?

L.L. – Paguei caro o resto da minha vida! [risos] Só que eu não sabia porque que era. Ele em hora nenhuma disse assim: “Não, não é possível”. “Não. Você vai ver uma coisa, você vai ver...” [risos].

C.C. – Mas por quê? Eram tradições concorrentes? Ou não?

L.L. – No caso o Wanderley estava voltando dos Estados Unidos também. Ele tinha uma coisa muito mais... Quer dizer, o Wanderley é difícil de classificar o que é? Se é mais empirista, menos... Mas vamos dizer assim, o que acontecia na orientação? Wanderley... Altos e baixos, eu parecia maníaca deprimida. Um dia eu levava alguma coisa e Wanderley olhava, falava: “Ah, ótimo, assim assado, muito bem”. E quando ele quer ele mandava textos: “Leia tal livro, faz não sei o quê”. E de alguma forma ele tentava levar minha dissertação, minha tese de mestrado, muito para obter dados eleitorais. E eu não queria esse papo. Aí: “Faz assim, *tatata*”, eu voltava e ficava em casa: “Mas eu não quero fazer isso”. Aí sei lá quantos dias depois eu ia lá e falava: “Wanderley, eu não quero isso não, não vou fazer isso não”.

C.C. – Mas aí você se correspondia com o Weffort? Encontrava?

L.L. – Pouco. Pouquíssimo. Fui algumas vezes, conversando, porque a questão... Eu não me lembro qual era o texto do Weffort que foi importante... Mas tinha uma coisa, não é? Então assim, na minha cabeça eu estava fazendo uma aliança fantástica, uma figura do Cebrap com outro dessa Ciência Política. Foi uma certa catástrofe porque cada um... Não era cada um... O próprio Wanderley puxava para uma linha mais de dados eleitorais e aí não era o Weffort que me falava isso ou aquilo - eu não queria isso. E de alguma forma, aí junto o que que acontece? Eu fiz uma tese sobre o PSD, as pessoas na época falavam: “O quê? Partido político? Não é importante no Brasil, não!”, “Quê? PSD? Já acabou, já não tem nada!” Agora, obviamente a Celina foi... Que aí o seguinte: foi Celina que me levou... Eu já conhecia a casa dos pais,

Amaral Peixoto e Alzira, mas aí Amaral Peixoto me deu uma entrevista muito boa e, vamos dizer assim, era uma entrevista...

C.C. - Você tem essa entrevista?

L.L. – Dei pra Lucia Hipólito, depois. Eu acho que eu tenho sim. Mas era o seguinte: eram entrevistas temáticas, não era história de vida, nada disso. Era ”o partido, como é que foi o PSD? Fez o quê?” “Fez assado...”. Eu entrevistei Amaral Peixoto, Tancredo Neves, Martins Rodrigues - que era uma figura do partido -, Ulysses Guimarães e Antônio Balbino. Cinco figuras que foram figuras importantes dentro do partido. E obviamente que foi Amaral Peixoto que abriu essas... Eu fui à Brasília entrevistar Ulysses Guimarães, entrevistar... Se o Amaral não chegasse...

C.C. – O comandante.

L.L.- O Comandante não falasse: “Recebe esta moça...”. “ Ulysses, recebe esta moça, que ela quer fazer uma entrevista sobre o PSD. Muito amiga da Celina, minha filha!” [risos] “Amiga da minha filha Celina, viu?!” [risos]

C.C. - Bom, então você fez a tese, entrevistou esses líderes do PSD e foi a primeira tese, umas das primeiras do IUPERJ?

L.L. – Sim, mas não foi a primeira, não.

C.C. – E como é que foi esse final? O Wanderley lia? discutia? O orientador... Weffort...

L.L. – Leu, leu. No final, eu fiz – como se diz? – Um copião e enviei, para um e para outro. E seguinte: aí eu estava grávida. E fiz de tudo para ver se conseguia defender a tese antes de ter o filho. Não deu tempo, não foi possível, eu... Eduardo nasceu em julho de 72 e eu acho que eu defendi no principinho de 73.

J.M. – Aí está 73...

L.L. - Porque... vamos dizer assim, ela estava feita antes, era uma coisa de conseguir receber as observações e etc. Não, aí eu tenho que falar uma coisa... Mande para o Weffort, ai demorou para falar, meu deus do céu! E aí um dia eu mandei ou falei com ele: “Não, porque eu estou aqui, eu estou prestes a ter filho, eu queria saber...”. E aí - até pouco tempo eu tinha isso - o Weffort me mandou uma carta que fazia o seguinte: “Não, olha aqui, acho isso, acho aquilo, faça assim, faça assado” - com comentários sobre o trabalho, isso, isso e aquilo -

e depois falava: “Mas olha, eu estou dando minha opinião, mas você resolve o que você vai fazer porque nada disso tem a menor importância. A única coisa importante que tem, é seu filho que vai nascer.” Obviamente que eu sou capaz de defender Weffort até hoje sobre qualquer coisa, por esse impacto que teve para mim, essa experiência, entendeu? Porque de um modo geral, o *outro* falava assim: “Não, você ainda precisa fazer isso, precisa fazer aquilo, vamos ver antes de ter filho, não sei o quê...”, entendeu?

C.C. – O filho era um empecilho, quase?

L.L. – Está atrapalhando sua vida. E aí nessa história eu defenderia... Se alguém no Iuperj dissesse... O Weffort participou da minha banca como coorientador - sei lá, não se dava nome diante dessa situação estranhíssima que eu tinha criado.

J.M. – Quem eram as outras pessoas da banca?

L.L. – Wanderley, depois foi Simon. Eu tinha primeiro pensado do Helio Jaguaribe, mas aí ele viajou, não pode e aí foi o Simon a terceira pessoa. E essa coisa, quer dizer, na banca: “vamos ver o que vai acontecer aqui...”, mas se comportaram muito bem e Weffort disse essa coisa que eu também... Falou assim: “Muito bem, falta isso, falta aquilo” - todo mundo, não é? Todo trabalho é criticável, etc. Mas aí ele disse uma coisa que ficou: “Ninguém vai poder estudar partidos, ou estudar o PSD daqui para frente, sem passar por essa tese” [risos]. Foi uma coisa importante.

C.C. – Nessa época, além do Iuperj na pós-graduação, a novidade que tinha era o Museu Nacional. Antropologia. Mas interessante que não apenas etnólogos, que era tradição preponderante na Antropologia brasileira da época, era estudo de índios ou de raças e tal, mas também alguns com perfil mais sociológico, não é? O Moacir mesmo, Ligia, Zé Sérgio, fizeram a opção para lá. Como é que você via essas duas instituições e...?

L.L. – Olha, eu sabia disso, mas, de fato, o que eu sabia sobre Antropologia - que era muito pouco [riso] - tinha sido, quer dizer, o Manuel Diegues dando aula, não sei o quê, não sei o quê. E no fundo, eu associava a Antropologia a estudos de índios. Quer dizer, mesmo que as outras pessoas que estavam indo não tivessem esse interesse...

C.C. – Mas houve algum contato, seminários que assistiu... Ou não? Era um mundo à parte?

L.L. – Então, eu tinha claro que eu não tinha o menor interesse nesse estudo, quer dizer, eu era do grupo que o melhor mesmo para os índios é que eles fossem assimilados o mais rápido possível... A Sociologia do desenvolvimento. Essas pessoas que ficam estudando, sabe, aquela coisa assim. Estudar a tribo do sei lá quem...

C.C. – Qual a relevância disso, não é?

L.L. – E não tinha... Quer dizer, não sabia a relevância... E você pode estudar, ter interesse... Eu não tinha o menor interesse. Quer dizer, então nunca se colocou como alternativa... Eu não sabia nem direito como é que funcionava porque eu nunca procurei.

C.C. – Agora, Lucia, no meio dessa experiência, ainda antes de defender a tese, você começou a dar aula na UFF como auxiliar de ensino - 71. Como foi isso?

L.L. – Também alguém falou... Meu depoimento vai chamar: “alguém falou”. Alguém falou que “a UFF está precisando de professor porque não sei o quê, não sei o quê...” Então não fui só eu. Eu, Antonieta, a outra Nanci, Alécio, um grupo lá: “Então vamos lá”. Fui dar aula na UFF. Experiência... Um contrato CLT que acontecia de março a dezembro. Janeiro e fevereiro você era [riso] ninguém e depois fazia novamente o contrato.

C.C. – Um professor horista praticamente...

L.L. – Era uma situação que você chegava e você ia dar aula do que precisasse. Chegava lá: “Ah, mês que vem você vai começar um curso de Sociologia rural”. “Ah, sim, o que é isto?” Você dava aula assim do que dava, não tinha a menor... Eu me lembro que precisavam, uma época, de um professor - não chamava mais OSPB, não, mas era o equivalente... Organização Social Política Brasileira...

C.C. – Estudo de...

J.M.- EPB.

C.C. - EPB: Estudo de Problemas Brasileiros. Cheguei a pegar isso no IFCS...

L.L. – Tinha que dar um curso e ninguém queria dar esse curso... “Deixa comigo! Vamos fazer...”. Aí eu inventei um curso que eu trabalhava centralização e descentralização e aí eu dava Maria Isaura Pereira de Queiroz e Raimundo Faoro. Então no meio do caminho você podia fazer umas coisas, assim, mais interessante. Mas de modo geral, quer dizer, depois de dar Sociologia rural, sei lá mais o quê, etc., eu consegui chegar em uma hora e dar um curso sobre partidos políticos.

J.M. – Que era o que você pesquisava.

L.L. - E aí meus alunos: Dulce Pandolfi, Maria Celina Soares D’Araújo, Eduardo Gomes - foram meus alunos neste curso de Sociologia de partidos. Agora a minha lembrança não é nada boa disso aqui. [risos]. Pelo seguinte...

C.C. – Os alunos? Dos alunos? [risos]. Estou brincando...

L.L. – Não, os tempos eram muito difíceis. De um lado, vamos dizer assim, ser neste momento esse “pau para toda obra” não era uma coisa absolutamente fácil para mim, entendeu? Eu ficava assim... Eu tinha uma insegurança muito grande. Você dá um curso sobre o qual, de fato, você não podia dar, você não sabia nada sobre aquilo! Você tinha que improvisar uma bibliografia, o que você ia fazer... Então tenho... Como é que chama aquele antropólogo que trabalha... Que é da UFF até hoje? Que era colega... Umas pessoas... Renato Lessa também estava nisso!

C.C. – Dava aula?

L.L. – Não! Aluno!

C.C. – Aluno? Seu aluno?

L.L. - Eu me lembro que esse Marcos que estava lá...

J.M. – Antropólogo?

L.L. – É.

J.M. – Está até hoje na UFF? Marcos... André Mello? Alguma coisa assim?

C.C. – Marco Antonio?

J.M. – Marco Antonio Mello? Ou Marcos André? Alguma coisa assim...

L.L. – É um Mello.

C.C. – Mello. Professor do IFCS?

L.L. – É.

C.C. - Marco Antonio Mello.

J.M.. – Foi meu professor no IFCS...

L.L. – Aí, Mello e outros faziam a seguinte coisa: tinha lá um curso que eu não me lembro, Sociologia de sei lá o quê, ia dar o seminário, etc Aí o Marco chegou na sala com uns cinco livros, tudo marcadinho...

C.C. – É o próprio.

J.M. – Ele mesmo.

L.L. – Tá. (...) para falar. Aí era a vez do seminário dele, aí vai, entra aqui e tal... Aí sentei na primeira turma. Aí Marco começou: “Porque não sei o quê”, aí abria, procurava e não achava.... Não há coisa melhor para você se equivocar: você marca, na hora o que você vai ver não é nunca ali... Ele foi se enrolando, se enrolando, as pessoas com aquele ar de: “Que isso?” Ninguém entendendo nada!. E eu quieta. Aí quando a aula acabou, ele assim... Aí eu olhei para ele e falei: “Viu?” [risos]. Porque ele fazia isso com você, com o professor,

entendeu? Você ia falando, ele ia marcando... “Mas aqui o autor tal disse que não é assim não” [risos] para você, entendeu? De alguma forma, eu estava sendo... Passando por uma experiência sobre a qual eu não tinha qualificação para fazer aquilo mesmo, não dava pé... De outro lado, a UFF era também uma precariedade nas dependências, você chegava lá e você pegava na secretaria, te davam aquela coisinha, aquela folha lá de fazer presença... Você não tinha... Você ficava no pátio, esperando... Eu falava: “Isso tudo é uma maluquice. Você não tem nenhum nada, você só pode dar nota, ou seja, aprovar ou não provar uma pessoa. Ao mesmo tempo seu contrato não existe...” Aquilo foi... E também era uma época de mudança de comportamentos. Então você entrar na sala de aula... - depois, se resolverem a gente tira isso - mas entrar na sala de aula, aí quando você entra assim na sala tem duas alunas se beijando na boca na sua frente. Aí você fala: “O que eu faço? Finjo que não estou vendo? Diz que não pode? Faz o que?”, entendeu? É muita coisa junta, não era só que estava mudando.

C.C. – Mudança de costumes.

L.L. - Você fala: “Tudo bem, mas precisa ser...?” As pessoas que estavam mudando também faziam isso de forma acintosa. Tinha um outro que fazia... A gente estava fazendo pré-matrícula, tinha um negócio de matrícula, aí tinha um aluno lá, olhava lá: “Ah, sexo? Para preencher a ficha? Que absurdo!”[risos]. Aí eu falava: “Fulaninho, o seguinte: não é para você dizer o que você faz com ele, não. Se tem ou se não tem. Se tem, é homem, se não tiver, você...”. Se você ficasse acuada por aquilo tudo, você não ia sair dali. Então você tinha um pouco que reagir a isso para... Então...

C.C. – Mas ao mesmo tempo reagindo podia também ser rotulada como conservadora, retrógrada...

L.L. – É, é... Essa época aí foi muito, assim... E aí, de alguma forma, quando você está... Você e aquela turma de alunos... A minha vontade era de ter um buraco atrás e sair: “Tchau! Equívoco! Não era isso aí. Eu não queria isso.”. Então foi muito complicado.

C.C. – Mas você ficou cinco anos?

J.M. – 1971 – 1976, não é?

C.C. - Cinco ou seis anos dando aula, mas nessa situação precária, vamos dizer, de auxiliar de ensino, não teve uma efetivação? E também você comentou antes que não foi uma experiência que você gostou: ser professora, pelo menos na época...

L.L. – Não, vamos dizer assim, quando eu consegui dar o curso de partidos, que aí tinha esse grupo, subgrupo... Aí é outra... Entendeu? Porque no fundo, o que eu tinha de memória de coisa

importante, de aula, de curso, tinha sido essa experiência no Iuperj. Então é um outro tipo de aula, de... Então você tem um pequeno grupo que você aí manda ler um texto, e que não era... As outras aulas eram aquelas aulas de não sei quantos alunos, é auditório, você lá, *blábláblá*, falando não é essa mesma lógica. E isso, quer dizer, as condições todas eram muito precárias e eu estava ali porque não tinha... Sempre, atenta, vendo de que maneira... Por isto, depois, quando, a seguir, eu fui convidada para vir para o CPDOC, eu ainda conservei lá um pouquinho. Mas aí, assim, eu vinha para o CPDOC e dava aula duas vezes por semana à noite. E dois filhos pequenos em casa. Aí falei: “Se tem alguma coisa que vai sobrar é a UFF”. E eu fiz minha carta pedindo demissão.

[FIM DA 1º ENTREVISTA

2º entrevista: 30/10/2009

Celso Castro – Lucia, nesse período em que você está como auxiliar de ensino na UFF, e antes de entrar no CPDOC, 76, você teve alguma outra experiência de pesquisa ou de trabalho?

Lucia Lippi – Durante esse período, uma vez fui chamada, fui convidada a participar de uma pesquisa no Ibam - Instituto Brasileiro de Administração Municipal. Era uma pesquisa que o JB tinha encomendado ao Ibam. Então, quer dizer, eu não trabalhei no Ibam, eu trabalhei nesta pesquisa lá, não me lembro, cinco meses, seis meses. E era uma pesquisa em torno de vida política dos municípios, situação dos municípios - alguns municípios, não sei se a gente fez uma... Certamente, fizemos uma seleção, uma escolha: municípios esses e aqueles. Isso é interessante por duas razões: de um lado, eu trouxe estudantes da UFF para trabalhar na pesquisa. Falei na minha sala... Eu estava dando partidos políticos... E de outro, pelo grupo, quer dizer, no Ibam, quem me chamou, quem coordenava a pesquisa também não era do Ibam, não me lembro mais que era Alicinha - Alicinha Paiva Abreu, Alice Rangel -, que tinha chegado do seu doutorado na Inglaterra e estava ali fazendo alguma coisa. E também o interessante, quer dizer, no Ibam, tinha administração municipal, mas tinham pessoas, sociólogos, alguns sociólogos, cientistas políticos. A Lucia Klein, que fez o mestrado

comigo e tinha sido contemporânea da PUC, trabalhava no Ibam. Outras pessoas... Também tinha uma mulher que sumiu, nunca mais ouvi falar, Ana Maria Brasileiro, que também tinha feito, acho, que Ciência Política, doutorado na Inglaterra e, vamos dizer assim, é um tipo de trajetória que as pessoas se envolviam nisso - acho que depois a Ana Maria Brasileiro foi trabalhar na ONU, na UNESCO, etc.. Vamos dizer assim, isso abria para um circuito de tecnocratas internacionais dessas agências. Então isso foi uma experiência, assim, que não rendeu o quê? Uma semana de artigos no jornal JB -que era um jornal importante à época? Por que eu estou lembrando isso? Aquele caminho teria sido uma trilha possível. E eu acho graça disso porque quando muitos anos depois eu estou no CPDOC e começo a entrevistar arquitetos, urbanistas, etc., certamente tem uma ponte com isso.

Helena Bomeny – Reencontrou, não é?

L.L. – É, reencontrei.

C.C. – A entrada no CPDOC, Lucia, foi criado em 73, você entrou em 76, não é?

Iniciozinho. Foi a convite de quem, da Celina?

L.L. – Celina me ligou, falou, e fui convidada. Quer dizer, Celina que tinha aquela trajetória inteira anterior comum. É interessante porque assim, eu entrei em um momento que o CPDOC vai receber o primeiro convênio com FINEP. O CPDOC antes era um grupo pequeno: Celina, Aspásia - que são as criadoras disso aqui - e acho que uma ou duas pessoas da área de documentação - não sei se a Anita ou mais alguém -, e já tinha o dicionário. O dicionário é um projeto de Israel Beloch que foi, vamos dizer assim, absorvido pelo CPDOC. E outra coisa, também: neste 76, a maioria das pessoas, quase a totalidade das pessoas que foram convidadas a trabalhar aqui, tinha a ver com um curso que a Aspásia dava no Iuperj. A Aspásia dava esse curso, conheceu as pessoas e aí trouxe essas pessoas para trabalhar no CPDOC.

C.C. – Curso de quê?

H.B. – Teoria Política.

L.L. – Aluna Helena Bomeny! Aluna... Helena, Ângela, a maioria absoluta, vamos dizer assim, tinha sido cooptado pela Aspásia para a gente usar... Eu tinha sido cooptada por Celina, não é? Obviamente que isto tinha a ver não com a nossa trajetória desde a faculdade, mas tinha a ver, como eu já mencionei, de termos feito um curso no Iuperj com Simon Schwartzman em que Celina, eu e Maria Aparecida Alves Hime formamos um subgrupo e estudamos como *paper* de final de curso, o contexto político da Revolução de 30, texto esse

que está publicado na *Dados*, não é? Vários artigos da finalização de curso que viraram um artigo de... Bom, só uma coisinha também que não é minha vida aqui, mas é só para a gente ficar com esta informação para o futuro. A própria criação do CPDOC, quer dizer, aí outras pessoas poderão falar muito mais que eu, mas do que eu captei na época: havia os arquivos do Vargas na casa de Dona Alzira, os brasilianistas, essa discussão. E então se pensou em criar um lugar para migrar estes arquivos da esfera privada para a esfera pública. Havia, à época, uma possibilidade que era a criação de um Centro de Memória na Cândido Mendes. E isto era, vamos dizer assim, encabeçado pelo Hélio Silva. Então tinha a “Proposta Hélio Silva”, que estava publicando aqueles livros de documentos, aquela série, e essa outra. Então, obviamente, no caso concreto, eu acho que... Obviamente que Hélio Silva tinha conversado muito com Celina, etc. etc., mas ela avaliou e tinha possibilidades de conseguir um espaço aqui para um centro que ela dirigiria. No outro, possivelmente não seria isso. Então essa é uma coisa. Mas quando eu cheguei aqui, quer dizer, o CPDOC já é... Sim, se a gente quiser pensar em um... Era um Centro de Memória de não sei de quê, não sei de quê, e invés disso passou a ser um Centro de Pesquisa e Documentação, que embora isso envolva memória, o próprio título não dá ideia de memória, não é? E no outro, sim, estava.

C.C. – Agora, qual era a visão a respeito dessa ideia de ter um centro de pesquisa e documentação de história recente e história de elite, principalmente, antes era o arquivo Vargas e, logo em seguida, era o arquivo daquela turma que governou junto com o Vargas?

L.L. – Vamos dizer assim, se você pensar no contexto da época, era tudo uma coisa meio estranha. De alguma forma, essa coisa... As Ciências Sociais da época estavam lá meio sem saber como é que prosseguir... Mas essa coisa, quer dizer, a cultura elitista brasileira sempre olhou uma coisa assim a documentação como coisas menores. Nesse sentido, essa ideia de documentação e, além do mais, sobre a época - sim, o historiador gostava de documentação, mas de preferência do passado remoto, não é? Essa documentação... Aí eu acho, quer dizer, é uma contribuição dos brasilianistas. Quem estava estudando história contemporânea eram os brasilianistas e essa conexão dos brasilianistas com o próprio arquivo - porque eles iam lá, visitavam, conheciam, etc., etc. - que abriu essa possibilidade... É um pouco assim... Tem sempre uma coisa: “os brasilianistas, os americanos, etc., estão dizendo que isso aí é bom”. Agora, como é que isto foi conversado, pensado, etc., aí acho que só a Aspásia ou a Celina podem te dizer.

C.C. – No meio acadêmico da época, como é que era visto os colegas do IUPERJ, ou da UFRJ, ou...?

L.L. – Não, não, não, eu acho que não era bem visto, não. Não era bem visto, não. Uma coisa assim... Aí lembrando, assim, eu lembro que uma época na própria feitura da minha dissertação de mestrado, lá nos meus... Conversas com Wanderley, de algum momento, ele falava assim: “Lembre, sua disser...” - a gente chamava tese, que hoje está...- “sua tese não é de História, é de Ciência Política! Lembre-se!”. Quer dizer, não fica aí falando essas coisas todas porque não é isso que queremos, entendeu? Então a gente ficava meio... Agora, por outro lado, a criação do CPDOC, a perspectiva deste centro que ia fazer..., era de tal ordem importante, era de que... Não sei o que achava... Eu não achava que era uma coisa assim... Eu já falei isso uma vez, a sensação que se passava era o seguinte: “Ah, vocês estão trabalhando, fazendo isso” - como se nós fizessemos uma Ciência Política de segunda categoria. Então é isso, é meio História... Por sua vez, para os historiadores, também não era muito sério porque nós estávamos fazendo análise sobre a época contemporânea e não era...

C.C. – Ciência Social demais por um lado... De menos por outro.

H.B. – E arquivo privado também...

L.L. – É, é, é. Mas como ninguém tinha... Tinha uma coisa a nosso favor: quer dizer, as interpretações sobre a história brasileira, sobre o que seria o processo histórico estavam em baixa porque tinha dado tudo errado, não é? Então, vamos dizer assim, pelo menos tinha a abertura de que você devia retomar aquele tempo. Isso também, quem já trabalhou os brasilianistas, mostra como é... Os brasilianistas, em sua maioria historiadores, tiveram uma melhor recepção, no Brasil pelos cientistas sociais, não pelos historiadores.

C.C. – Agora, é hegemônico, no campo da época, uma visão marxista sobre História do Brasil. Quer dizer, pesquisa empírica não ficava como algo menor diante do... Poder explicativo das...?

L.L. – Aí era um choque, quer dizer, acho que isso, na época, era mais marcante na História mesmo. Porque a gente já vinha da Ciência Política, a outra, que entrava em confronto exatamente com a missão empiricista, norte-americana, seja lá que nome se desse [riso]. Nós já éramos rebentos desta coisa. Então certamente... aí teria que conversar com os historiadores de época para dizer os horrores que eles diziam a nosso respeito, não tenho dúvida disso.

C.C. – Agora, em 76, você falou, era um grupo pequeno, não é? Mas a sua entrada no CPDOC era para trabalhar com o quê?

L.L. – Eu fui chamada para coordenar um projeto que se chamava Brasileira.

H.B. – O nome já existia...

L.L. – Já estava... Quer dizer, nesse sentido, este primeiro projeto, eu não propus esse projeto, eu não pensei esse projeto. A Aspásia tinha definido essa coisa, o Projeto Brasileira, e outro que se chamava Projeto de Pesquisa. - como se o Brasileira não fosse pesquisa. O projeto de pesquisa centrou em regionalismo e centralização entorno da Revolução de 30. Então o que era esse projeto? Basicamente estudar como a Revolução de 30 tinha sido interpretada à época. E envolvia a produção de uma bibliografia sobre o assunto. Confesso que eu também lidei com aquilo com certa dificuldade. Porque como é que eu ia... Sabe, aquela ideia, produzir bibliografia é uma coisa menor, não é séria, não... Então essa coisa que foi feita aqui, embora, vamos dizer assim, como é que eu lidava com isso? Primeiro, eu já conhecia alguma coisa porque tinha feito aquele texto lá, o *paper* de final de curso. Inclusive foi naquele *paper* de final de curso que a gente teve acesso porque Celina trouxe, de um texto do Boris Fausto, a revisão sobre 30 do Boris Fausto. Então também já melhorava porque tinha alguém contemporâneo, razoavelmente importante que estava trabalhando na mesma linha. Mas por outro lado, também tinha uma noção, quer dizer, no IUPERJ, antes de existir os cursos que eu falei, Aspásia trabalhava lá, Wanderley, um dos criadores do IUPERJ – senão o criador – tinha trabalhado em áreas correlatas. Eu lembro o seguinte: havia um texto, como há um texto, de Wanderley Guilherme dos Santos, chamado *A imaginação político-social brasileira*, que foi publicado na *Dados* 2/3 de 67. Um outro texto de Wanderley que se chamava *Raízes da imaginação política brasileira*, que é da *Dados* 7 de 1970. E havia um artigo de Aspásia chamado *A teoria política de Azevedo Amaral*, que também é dessa *Dados* número 67. Então, de alguma forma, essa coisa que estavam propondo aqui fazer tinha um elo com uma das áreas de trabalho, seja de Aspásia, seja de Wanderley.

João Maia – Mas já era conhecida de alguma maneira como “Pensamento Social Brasileiro”, como campo de estudos? Não?

L.L. – Não, não, não, não, não. Se nomeava isso: “Imaginação Social Brasileira”, “Imaginação Política Brasileira”, mas era trabalhar autores, trabalhar obras, trabalhar isso tudo.

H.B. – E Lucia, você teve liberdade de montar sua equipe para fazer esse projeto? Você se lembra como é que...?

L.L. – Quando eu cheguei, as pessoas... Era tudo dado [riso]. Trabalhou neste grupo, quer dizer, este grupo, vamos supor assim, fez essa coisa da bibliografia, aliás, que depois produziu: *Elite intelectual e debate político*, esse livro que tem um artigo de introdução com este nome que eu fiz. E a coisa de descobrir os textos de época, localizar os textos de época em bibliotecas... Porque era muito claro aí para todos nós, quer dizer, não era você falar de um livro que foi publicado em 1932 e que seu tio avô tem em casa, isso não serve para as pessoas. Tinha um componente democrático, no sentido norte-americano do termo, entendeu? De você pôr ao alcance das pessoas... Então se vocês olharem, até hoje eu tinha uma ficha que eu elaborei que falava a obra, o autor, o contexto - informações básicas -, depois uma resenha do livro e a localização. Bom, confesso que fiz isso, não me arrependo em absoluto, eu fiquei muito contente. Jamais farei outro porque é um trabalho insano. É um trabalho insano. Três pessoas fazendo: Celina Whately, Maria Cecília...

H.B. – Velasco.

L.L. - Velasco e Cruz e Eduardo Gomes, foram as pessoas que agarraram isso. E o grupo também se compunha... Logo no início, mas a seguir, entrou Monica Pimenta Velloso, que trabalhava no CPDOC em outra área, trabalhava com Anita na biblioteca de documentação, não sei o quê, não sei o quê. Porque Monica tem dupla formação, ela fez história e biblioteconomia, uma coisa desse tipo, então migrou para o grupo e depois entrou Ricardo Benzaquen. Quando eu comecei ler esses textos e ler alguns dos clássicos a respeito da Revolução de 30, do que estava acontecendo no Brasil, vamos supor, aí eu trazia a bibliografia do IUPERJ: teoria política, clássica, contemporânea, democracia, partidos. E eu lia aquilo tudo e falava: “Meu Deus, a única coisa que posso dizer isso é o seguinte: não eram liberais, não eram democráticos,...” - entendeu? Vamos dizer assim, tinha uma lista do que esses autores não eram. E aquilo ficava uma coisa que não... Entendeu? Um pouco "chover no molhado", aquilo não fazia...

C.C. – O que eles eram, não é?

H.B. – O que eles eram?

L.L. – Não fazia sentido. E neste quadro, aí eu conversei com muita gente, fazia coisas... Como é que a gente entende a época que aquele Jarbas Medeiros, que era de Minas, que também estudava os autoritários. Então ele tem um livro, vamos dizer assim, pegando cada um desses autores, mas também aquele livro, então pegava os autores e republicava os trechos dos autores em que eles estavam sendo autoritários, em que eles estavam sendo... Nesta questão

a gente fazia muito... Coisas interessantes. Se o projeto da Brasiliana, no sentido da bibliografia, estava montado, mas só outras coisas, não era só para fazer isso, então de alguma maneira o conhecimento sobre anos 20, anos 30 você começa a ler, estudar e tinha claríssimo, para mim, nos anos 20, a importância da Igreja. E foi a partir disto que eu mandei [risos] Monica Pimenta fazer um levantamento da *Revista Ordem*. Falei: “Não sabemos direito o que é a igreja desta época, etc, etc”. Uma revista que expressa o pensamento desse grupo, vai ter essa tradição. Então Monica, vamos dizer assim, não trabalhou na bibliografia, ficou trabalhando no levantamento da *Revista Ordem*. E chegou Ricardo Benzaquen, vindo do Museu, com uma proposta de uma dissertação de mestrado sobre futebol.

C.C.. – “Os Gênios da Pelota”.

L.L. – É. Mas eu acho que a essa época a gente se beneficiou não do Ricardo, antropólogo, ou o que seja, mas o Ricardo historiador. Ricardo vinha da História da PUC e vinha de uma tradição, quer dizer assim, Francisco Falcon, outros... Ele detinha um conhecimento, uma erudição sobre história que nós não tínhamos. Mas isso vai ser mais importante no segundo projeto da gente. Neste primeiro, eu digo assim... A gente, outra coisa que fazia, semanalmente, ou quinzenalmente, nós fazíamos uma reunião do grupo. E esta reunião do grupo envolvia sempre a leitura de alguma coisa. Nós estávamos tomando conhecimento disso, então vamos dizer assim, sentava-se, e se discutia, conversava-se, etc. Lembro também, nesta época que eu li três artigos de Guerreiro Ramos, que é a: “Ideologia da Ordem”, “Jeunesse dorée”

...

J.M. e H.B. – “Jeunesse dorée”...

L.L.- E *tatatá*... Que à época, e até hoje, são textos muito competentes. Então, de alguma forma isso me mostrava que Sociologia e contexto histórico, podiam dar bons frutos, ao invés de só o artigo ou o livro que fosse aquela... O relato do que aconteceu, ou uma interpretação pré-datada. Mas eu já falei isso algumas vezes... Neste quadro, para mim foi uma descoberta ler o artigo do Mannheim sobre o pensamento conservador. Eu tinha lido *Ideologia e Utopia* lá nas coisas, mas não é *Ideologia e Utopia* é o *Pensamento Conservador* do Mannheim. Aquele texto eu li, sabe assim? Clareou-se a vida. Então nós estamos falando de pessoas que estão lidando com um contexto, a forma de interpretar esse contexto é de uma determinada época que valorizava a ordem, a hierarquia, sei lá mais o quê que eu já esqueci. Isto não significa que todas aquelas pessoas sejam fascistas, nazistas, totalitários, entendeu? Então vamos dizer assim...

H.B. – Conservador não é igual a autoritário, não é?

L.L. – É, é. Entendeu? Tradição, o pensamento conservador... Então aquele artigo do Mannheim é o que, vamos dizer assim, permitiu a volta do caminho. Nesse tempo, os brasilianistas vinham ao CPDOC anualmente, pelo menos. Indo ou voltando, fazendo pesquisa - eles compareciam. E numa dessas passagens deles, aí já era: Richard Morse representando a Ford e Thomas Skidmore sendo... Deus [risos], pátria, família, não sei o que ele representava, mas estava aí. Numa conversa dessas, os brasilianistas e a Ford olhavam toda essa experiência do CPDOC com muitíssimos bons olhos. Quer dizer, essa coisa de valorizar o documento, de valorizar a tradição, da produção bibliográfica, era muitíssimo bem-vinda. Numa dessas vindas, Skidmore e Morse apresentam para o CPDOC, para gente, a possibilidade de se começar a fazer um Boletim Informativo Bibliográfico, confirmando a...

H.B. – Ah... BIB.

J.M. – BIB? Essa é a origem da BIB?

H.B. – É, eu entrei na entrevista só por causa do BIB.

L.L. – Vamos fazer... Lembre-se: Informativo e Bibliográfico: documentação, bibliografia... Era isso. E que a Ford estaria, quer dizer, eles não só traziam a ideia, mas traziam o dinheiro. Então “vamos fazer”, a experiência norte-americana que é muito isso: discute uma questão, uma ideia, propõe e eles garantem o *take off* da ideia. A Ford não prometeu que ia ficar financiando a *ad eternum* isso mas ah... Bom, esta discussão começou basicamente na sala da Celina, depois Celina me chamou e começamos a conversar como é que a possibilidade, etc. E qual era a ideia? Quer dizer, não era um boletim produzido pelo CPDOC, era um boletim que tivesse pessoas das várias instituições do Rio, pelo menos. Aquela coisa bem, não é? Associativa... [risos]. Uma aula de norte - americanismo moderno. “Bom, então está bom: uma pessoa do Iuperj, uma do Museu, uma da Biblioteca” - entrosando sempre - “A Biblioteca Nacional, o arquivo nacional...”. E começamos ter algumas reuniões. À época, quer dizer, a gente olhava... Eu tenho que lembrar a época disso, mas assim, nós estávamos aqui montando, construindo o mundo, faz essas coisas, não é? Então essa perspectiva de começar a fazer mais uma coisa de alguma forma... “Como é que vai fazer?” “Não pode isso...” Então, nestas conversas, acho que teve uma ou duas reuniões na Biblioteca Nacional - não era aqui, essa ideia migrou num primeiro momento para Biblioteca Nacional -, e veio representando o Iuperj, Charles Pessanha, que era da *Dados*, quer dizer, as pessoas ligadas ao mundo da edição. Conversa vai, conversa vem, “Não, vamos convidar e combinar que a direção do BIB deve

ficar com o Iuperj”. “Ah, está bom.” - foi aceito, etc., etc. Esta coisa também foi muito difícil porque a partir daí eu fiquei amiga de Charles Pessanha - uma amizade que dura até hoje - e a gente brincava que nós éramos os “algodões entre cristais” [risos] porque aquilo deu uma confusão danada. Essa época certamente o conflito se dava muito pelo que se sabia de Wanderley com Celina e Aspásia porque tinha uma coisa assim: “Está pensando o que? Quem é essa? Quem é essa Celina, que nem mestrado acabou?”, entendeu? “Quem é essa tal fulaninha? Não...”. Isto veio a propósito do seguinte: então a coordenação ficaria com o Iuperj e o Iuperj indicou para coordenar o BIB, Fernando Uricoechea, entendeu? Aí aqui bateu como uma ofensa. O trabalho do Fernando é muito interessante, mas quem é esse venezuelano, colombiano [riso] que não tinha...

H.B. – Que nem estava na primeira reunião!

L.L. – Não estava em nada! Entendeu? E essa coisa, assim, meio nacionalista, meio dos pares, bateu muito mal. E Celina literalmente vetou o nome. E aí *euzinha* tinha que ir pra reunião dizer que a minha instituição não aceitou... Então chegou... Charles Pessanha tinha que comunicar [risos] dentro do Iuperj que a outra instituição vetou o nome. Aí a chapa esquentou para ficar... Que é uma coisa que em determinado momento você sabia... Wanderley falou: “Não, é do Iuperj, vai ser quem o Iuperj indicar! Eu posso indicar o porteiro! Eu posso indicar quem eu quiser! É a indicação do Iuperj. Como é que o outro vai recusar?”. Isto foi um momento muito difícil de conflito interinstitucional, na medida em que tinha... E realmente foi muito complicado e aí também quero deixar um depoimento. Nesses conflitos que então estavam e etc., uma pessoa sempre foi absolutamente fantástica e defensora do CPDOC, que se chama César Guimarães. Toda vez que tinha aquele negócio, César falava: “Não, gente” - uma vez falando comigo - “já falei no Iuperj, vocês estão malucos! Você tem uma instituição no Rio de Janeiro que faz, dentre outras coisas, abrir espaço para que os nossos alunos possam trabalhar e nós queremos destruir essa instituição! Nós vamos poder incorporar [riso] todos os ex-mestrados?” – não tinha doutorado ainda – “Todos os ex-mestrados? Isso é impossível! Então tem uma instituição feita no fundo...”. Porque Celina também tinha feito e também não terminou o mestrado, mas quer dizer, Celina fez parte dos créditos do mestrado; Aspásia Camargo que tinha, aliás, trabalhado no Iuperj antes, desistiu... Então essa... Porque o César dizia: “Essa instituição é nossa descendente direta. E isto é uma maluquice!” Então isso é importante deixar registrado.

C.C. – Como várias pessoas daqui fizeram mestrado ou doutorado no Iuperj, não é? A Lucia Hipólito fez mestrado lá, que era do CPDOC, Helena Bomeny, Ângela...

L.L. – Eu fiz mestrado. Depois o doutorado, eu vou chegar lá no pepino.

C.C. – Agora, Lucia, você está falando dessa disputa de alguma forma com o Iuperj, mas personalizada, vamos dizer assim, de alguma forma. Mas ao mesmo tempo o livro sai *Elites intelectuais e debate político* em 1980. Em 83 aí tem os 50 anos da Revolução de 30, tem um grande evento... E na história, o que pega força mesmo é história dos vencidos, história contrapelo, visão de baixo para cima, o livro do Decca: *O silêncio dos vencidos* e o CPDOC fica meio na berlinda, como se diz, com um marco de 30 e estudando e, mais do que estudando, entrevistando, Juracy Cordeiro, Ernani do Amaral Peixoto, Murici, quer dizer, isso não vinha por um outro lado uma visão também contrária ao que você estava fazendo, ou não?

L.L. – Sim, sim, sim. Não, vamos dizer assim, pensando na minha própria trajetória, então você tem assim: 76 - 80. Formação, organização para os primeiros trabalhos, pesquisa, etc., etc. Isso, vamos dizer assim, tem um ponto áureo em 80. As comemorações dos 50 anos da Revolução de 30, que envolveu não só o lançamento dos primeiros livros resultados das pesquisas: então *Elite Intelectual e Debates Políticos, Regionalismo e Centralização Política*, tinha um livro de documento ou de fotos de revolução... Quer dizer, fez-se uma festa e tinha vários lançamentos naquele dia e o seminário, que depois virou o livro...

C.C. – É, o livro foi 83, o seminário 80.

L.L. – Ali, tinha a questão. Eu considero aquele seminário, vamos dizer assim, a nossa maioria. Se vocês olharem no próprio sumário do livro, definiu-se os temas, as mesas foram coordenadas por pessoas da casa, que era a própria Aspásia mesmo, Gerson Moura, eu... Militares, quem era?

C.C. – José Murilo.

L.L. – José Murilo. Então assim, você está numa área da casa, então você tem o controle do campo, das pessoas, dos significados, é por ali. E partimos para o seminário. Teve problemas na Fundação, porque aquele seminário foi feito no Ibam, na sala do Ibam. Porque tinha uma discussão se podia... Sim, porque para dentro da fundação tinha aquele centro das moças comunistas. [risos]

C.C. – Era dentro do Indipu ainda?

L.L. – Era.

C.C. – Instituto de Direito Público e Ciência Política, que na época era o Afrânio... Ou Afonso Arinos?

H.B. – Afonso Arinos.

L.L. – Não, antes era Doutor Temístocles.

H.B. – Temístocles Cavalcante

L.L.- Temístocles Cavalcante que dava cobertura. Aí, essa coisa. Essas coisas puderam ser feitas aqui por quê? Por causa de Celina e por que, quer dizer, não só Celina era neta de Vargas, essa casa, não é à toa, se chama Fundação Getúlio Vargas; a Dona Alzira e o comandante eram do Conselho *tatatá bababá*, entendeu? Mas a minha visão simplista é um pouco assim: o Simon Lopes falou: “Ah, vamos deixar esse espaçozinho para neta do meu companheiro e chefe brincar” E começou a dizer que não era bem aquilo porque a negociação com o Finep, recursos... Quer dizer, a Finep, durante, sei lá, 20 anos, sei lá o quê, financiou tudo do CPDOC, era de secretaria... Assim, o orçamento da casa, Finep ... 80%, pelo menos, mandavam. Então tinha os contatos da casa para garantir o espaço, tinha contatos nas agências de financiamento e conseguia dinheiro, e tinha contato com os brasilianistas e a Fundação Ford que concediam um [INAUDÍVEL] para gente, mesmo que... E aí em 80, neste contexto todo... No fundo, Celina e também todos nós organizamos este seminário. Só para dizer assim, eu acho que não há uma fotografia sobre esse seminário, uma coisa assim... Só tem a fotografia que ficou na cabeça...

C.C. – Foi concorrido, ou não?

L.L. – Quando você chegava lá, o auditório do Ibam é grande... Não só é concorrido porque você olhava, assim, e na sua frente estava sentado: Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Luciano Martins...

H.B. – Guerreiro...

L.L. – Sim, o Guerreiro a gente trouxe. Os brasilianistas todos. É melhor perguntar quem não estava... Então quando eu entrei assim eu falei: “Nós vamos falar para essa turma?” [risos] por isso que eu digo assim, foi um batismo de... Se você não conseguisse ali, você podia ir embora para casa porque você não tinha competência... Se você olhar as mesas, os brasilianistas, as pessoas que apresentaram *papers*, apresentaram trabalhos e mesmo o público que sentava era o que se poderia chamar de *toda* a Ciência Social. A Ciência Social do Cebrap ... Estava todo mundo, até porque, quer dizer, 80, era tudo meio complicado e confuso. Então aquele seminário foi um seminário comprometido com os assuntos, os estudos, as pesquisas, mas foi

um evento social acadêmico... Social no sentido da sociedade a qual nós pertencemos, ou seja, o mundo acadêmico, etc., etc., dando um aval àquilo. Obviamente afora a história. Eu não sei, acho que Francisco Falcon foi -não me lembro se Francisco Falcon foi. Mas vamos dizer, o que estava acontecendo na história era outro caso. Mas de alguma forma, essa coisa ficou tão consagrada que nós começamos a olhar para essa coisa e falar “Coitados! Eles estão fora do mundo, fora da realidade! O problema é deles, não é nosso.”

H.B. – E começava a haver uma discussão muito interessante já sobre o autoritarismo, era o tema, não é? Então o CPDOC acabou entrando numa discussão, mesmo que tenha vindo de história de elite, com um acúmulo de conhecimento para contribuir com essa discussão conjuntural...

C.C. – Mas autoritarismo parece que era mais uma discussão nas Ciências Sociais stricto sensu, Ciência Política, que na História, não é? Que era história dos vencidos, que era o grande tema dos anos 80, não é?

H.B. – Mas o tema do seminário de 30 recuperou muito isso. Me lembro muito da fala do Bolívar, o próprio Simon, quando começou... Que tinha lá a base do autoritarismo, então foi um grande momento de repensar, era já esgotamento do regime militar...

L.L. – Bolívar já tinha publicado *Formação do Pensamento Autoritário na Primeira República – Uma interpretação*, no livro organizado pelo Boris Fausto, *Brasil Republicano*, entendeu? Então a gente estava dentro... Ou seja, vamos dizer assim, tínhamos caciques suficientes dizendo: “Façam isso que não tem problema”. Isso você olhando de fora, se você, contivesse esse grupo da história dos vencidos, você falava: “ Ah podia...”, mas para gente, o campo nosso estava suficiente para ser mantido. Depois disso, quer dizer, fez-se esse primeiro projeto, o segundo projeto, obviamente, aí pós-planejamento de Aspásia foi projeto do Estado Novo.

C.C. – A Aspásia era coordenadora da pesquisa? Já existia isso oficialmente, ou era uma líder intelectual?

L.L. – Ela era, chamava assim...

H.B. – Era a coordenadora da pesquisa...

L.L. - Você tinha a direção, a documentação e a pesquisa.

H.B. – O grupo Brasiliana e o Dicionário. Era uma configuração interessante...

L.L. – Tinha uma pesquisa, o grupo Brasiliana e um grupo também chamado de pesquisa que Rosa Maria Araújo coordenava.

H.B. – Pois é. Coordenava.

L.L. - Era essa estrutura interna de poder. Bom, aí começamos a fazer o Projeto Estado Novo. E aí volto à figura de Ricardo Benzaquen. As indicações bibliográficas, se vocês olharem, a bibliografia do artigo *Elite Intelectual e Debate Político* e olharem a bibliografia da apresentação do Estado Novo... Aí já tinham mudanças dentro do CPDOC, você já estava com o projeto Capanema lá e Educação funcionando e Ângela veio para este novo projeto, Ângela, então, foi agregada ao grupo do Estado Novo.

J.M. – Que era o grupo da Brasileira, Monica ainda, Ricardo...

L.L. – Monica, Ricardo, os outros saíram. Mas também uma outra coisa: do grupo Brasileira, o Eduardo, que depois saiu, fez uma dissertação de mestrado...

J.M. – No Iuperj.

L.L. - Sobre o pensamento ruralista, Alberto Torres...

J.M. – Vicente Licínio...

L.L. - Essas coisas, entendeu? Então também era Monica estudando movimento católico, o Eduardo que entrou para esta questão do rural do Alberto Torres e Ricardo começou a estudando o integralismo, entendeu? Então isso eram peças de um quebra-cabeça que você ia montando, que era tudo sobre um período comum, mas cada um, ou mais para trás, um pouquinho, etc. Bom, então nesse caso, quer dizer, se você olhar o Estado Novo tem isso, quer dizer, toda discussão entorno do que foi o Estado Novo, autoritário, totalitarismo, autoritarismo, leu-se muito sobre história, historiografia sobre fascismo, sobre nazismo...

H.B. – Manuelesco...

L.L. – Manuelesco... Para dar conta desta conversa. Eu estou brincando, ele falando para os universitários que eu tinha dito que na época de graduação eu não ia à aula nenhuma, então só para dizer o seguinte: isto foi do passado, quando, depois, no mestrado para dar aula, isso e aqui, eu acho que da entrada até isso aqui, vamos dizer assim, refaz a formação e volto a dizer: Ricardo era a fonte bibliográfica. E aí nessa época, também, que eu comecei a rever minha própria avaliação sobre Francisco Falcon porque Francisco Falcon eu tinha tido aluno, achava nada e eu falava depois: “Como é que você sabe?” “Não, porque Falcon indicou, Falcon não sei que lá”. Eu falava: “Ah, Falcon é essa figura?”. Eu considerava uma pessoa não significativa. Então Ricardo, que tinha nazismo, fascismo... E também alguma discussão que eu me interessei na época sobre estudo sobre judaísmo, porque para falar dessas figuras e falar de intelectuais você... E da discussão entre tradição e modernidade. Não tem grupo histórico

social mais significativo que comporta dentro de si tradição e modernidade do que o judaísmo. Então, sabe? Ler artigos sobre, etc., etc. Ler Hannah Arendt: *Origens do Totalitarismo*. Então era por aí que a gente estava.

C.C. – Lucia, em 80, também você começa o doutorado, não é? Como é que a questão do nacionalismo entra? Aliás, eu não sei se era no início já isso... E porque na USP?

L.L. – Bom, nessa história abre-se... Sim, dentro do CPDOC, quando a gente começa, quando isso começa a se montar, eu era muito qualificada, eu tinha o mestrado já. O CPDOC tinha, nessa idade, três pessoas. Aí, Aspásia e Alzira, que tinham doutorado. Agora, vou aproveitar: doutorado de terceiro ciclo, que depois a gente acha... Que é mestrado, não é...

C.C. – Não é o doutorado de estado...

L.L. – Não. Doutorado de estado quem tinha que eu sabia na época era Luciano Martins. A única figura que tinha doutorado. E eu, que era mestre em Ciência Política pelo IUPERJ. Você vai vendo isso tudo, quer dizer, era cada vez mais claro que você tinha que continuar a formação, a qualificação. Bom, sim, mais uma coisinha: essa coisa do Estado Novo também só teve essa discussão toda de autoritarismo, de comparação porque a gente estava vivendo uma outra ditadura, entendeu? Então, a ditadura militar jogava luz sobre a ditadura do Estado Novo de uma maneira que eu acho que até então não era possível, entendeu? Você olhava aquela anterior e tinha uma coisa de comparação, então essa história: “isso acontece porque o Brasil tem um pensamento autoritário”. Essa... Continuidades e diferenciações na história brasileira. Nessa história toda e no projeto sobre o Estado Novo, começa o... (Eu vou falar muito mais sobre ele). Mas a questão nacional, é óbvio que ela é central dentro do Estado Novo. Ela se colocava, a questão do que que é o Brasil, retratos do Brasil, raízes do Brasil, o enigma do Brasil... E eu entrei nessa questão e vi o seguinte: à época, o meu interesse se voltou para andar para trás. O Estado Novo falava algumas coisas porque nos anos 30 tinha se publicado tais e tais coisas, tinha a coleção Brasileira, que tinha a ver com Paulo Prado publicando *Retrato do Brasil*, que por sua vez tinha a ver com o modernismo discutindo Brasil, que por sua vez tinha a ver com Primeira Guerra Mundial, entendeu?... E a minha proposta de trabalho... Sim, abriu-se o doutorado, o IUPERJ vai abrir um doutorado: “Oba! Vou fazer isso.”. A minha proposta foi exatamente esta. Eu me lembro de ter ido ao IUPERJ, aí já na rua da Matriz, fui lá para fazer minha inscrição. Eu estava ali naquele pátio, aí encontro Amaury de Souza, aí Amaury me pergunta: “Oi, tal e aí...? Mas o que você está fazendo aqui?” Aí eu falei: “Não, eu vim me inscrever para o doutorado”. Aí ele: “Ah, é? Ah, que bom, então

esse doutorado vai ter alto nível”. Encontrei com mais não sei quem. Então eu fui me inscrever, pesquisava livros publicados, ex-aluna da casa, pronto. Me inscrevi lá. E aí eu fui recusada.

C.C. – Teve entrevista? L.L. – Não.

J.M. – Foi só você mandar um projeto e...?

L.L. – O projeto, se você olhar, quer dizer, uma declaração de intenções. O que você pretende na casa? Só uma coisinha: anos depois disso já passado, eu achei este meu... A proposta... E olhei e falei: “Eu fiz na minha tese de doutorado exatamente o que eu disse que ia fazer”. Minha tese de doutorado chamava-se – aliás um nome muito...-: “Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz, Brasil”, que era essa... como você se referiu. Então vamos dizer assim, olhando *a posteriori*, eles tinham toda razão. Aquele meu projeto não combinava em nada com a lógica da casa, em nada, médio, quer dizer...

C.C. – Você mencionou no Iuperj, por exemplo, em relação ao CPDOC, figuras que tinham posições distintas, um que criticava mais, outro que sempre defendia. 30 anos depois, você acha que tinha alguma coisa mais comum com Iuperj...?

L.L. – Não, não. Tinha, quer dizer, o que eu estou dizendo é o seguinte...

C.C. – Mais característica, assim, em comum do Iuperj? Coletiva?

L.L. – A perspectiva de uma ciência, porque o forte ali ainda é a ciência política, a perspectiva que ia se construindo, do que é ciência política, do que deve ser feito... Não era aquilo mesmo, não, entendeu? Mas isso você só consegue olhar muitos anos depois, com perspectiva - bota perspectiva nisso! Na época...

H.B. – Talvez aquele alerta que você contou do mestrado: “Não se esqueça que você está fazendo ciência política”, a leitura e avaliação do projeto pode ter sido nessa nota também, essa é uma pessoa de ciência política, e esse é um projeto não desse...

L.L. – Pode, pode. Embora tivesse... E tem, quer dizer, isso é uma análise longínqua, distante das estruturas, das tendências...

C.C. – Na época você deve ter ficado...

L.L. – Na época isso foi, assim, eu diria que quase devastador. No seguinte: aí nessa minha história maluca que eu venho contando, eu tenho uma tradição, é óbvio, que o mundo do estudo, da escola, *tatata*, sempre fui... Quer dizer, eu contei que eu não estudava na graduação, mas assim: eu fui primeira aluna de sala de ponta até a graduação e na graduação eu não ia à aula, fazia lá... Mas eu sabia porque eu estava fazendo aquilo, entendeu? Eu tinha certeza que eu estava envolvida na revolução brasileira, no contexto... E nessa altura não tinha que ficar

aquilo... EE todas as coisas na vida que eu até então tinha entrado no sentido de concorrer para uma vaga, fazer isso, fazer aquilo...

J.M. – Sempre tinha entrado.

L.L. – Entrado e bem. [riso] Entendeu? Então isto era uma coisa assim... Então você começa a fabricar porque nunca soube os detalhes disso, acho que eles devem ter feito um pacto de sangue para ninguém contar porque tinha muita gente conhecida, etc., etc., E...Não, não vou falar isso não porque eu não quero que isso... Eu vou fazendo a seleção do que deve ser falado e o que não deve, não é?

J.M. – Mas aí a USP surge logo após isso, essa idéia?

L.L. – Quando isso aconteceu... Ah, me lembro do seguinte: eu recebi a carta de recusa assinada por José Murilo de Carvalho, que tinha recém entrado no Iuperj. Ele, coitado, na época foi o Pilatos do credo, na posição do coordenador, é quem tinha que assinar aquilo! Mas tudo bem, tivemos um papo depois, a gente se encontrou, conversou *papapá* E um pouco assim, coitado, ele não sabia quem eu era, porque eu era... Tanto que isso foi forte que até hoje Murilo é uma pessoa, vamos dizer assim, próxima, escreve orelha de livro meu, se precisar alguma coisa, absolutamente... Mas foi feito um esforço para isso. Só uma outra coisinha que eu quero deixar para posteridade, essa coisa: o Amaury, que eu acho que eu fiz um curso só com ele, depois conheci... Desta área da empiria, desse tipo, se tem uma pessoa que sabe do que está falando, é Amaury de Souza. Uma vez alguém falou assim: “ Ah, fulano que é empírico”, ele falou: “ Não, eu sou teórico disto!” [risos], ele sabe, depois teve brigas lá na Iuperj, abandonou, faz pesquisas, sei lá o que ele faz agora, mas ele é...

H.B. – Consultor muito bem...

L.L.- Ele é... Sabe o significado da pesquisa x ou y com empiria, com dados., então ele era uma figura importante. Mas isso fecha. Então muito bem, esse impacto. Me lembro que eu recebi esta carta num sábado de manhã. Paralisei.

J.M. – E agora?

L.L. - Como você engolir este sapo gigantesco? Começou claro para mim...

Estes caras não vão impedir que eu faça a minha carreira acadêmica. Não vão impedir. Eu vou dar a volta por cima desse negócio. E aí uma maneira de dar a volta por cima... O outro campo no Rio era antropologia, mas eu ainda tinha aquela visão: “Antropologia, é lá...”, uma coisa que, entendeu? Conhecia muito pouco... Falei: “ Vou para USP”. “Como é que

eu vou para USP?” A USP, à época, você se matriculava na pós-graduação e para você se matricular, um orientador que tinha que te aceitar.

J.M. – Era assim a seleção?

L.L. É. O orientador te aceitava e aí você ia lá, fazia papelada, você se inscrevia na pós-graduação, depois pedia o reconhecimento dos créditos do seu mestrado. Para dizer se você ia para o doutorado direto ou teria que fazer o mestrado.

J.M. – Certo.

L.L. - Liguei para Maria Victória Mesquita e Bonfim que depois se casou e virou Benevides. Quem era Maria Victoria? Sociologia da PUC, JUC. Aquela lá, lá...

C.C. – Weffort, não? Você não pensou em ligar?

L.L. – Porque o seguinte: a Victoria ia fazer a ponte. A Victoria acho que não estava na USP, quer dizer, ela conhecia igualmente as pessoas da USP e o Weffort

H.B. – E te conhecia! Quer dizer, ela podia fazer essa adequação...

C.C. – Eu perguntei em função do Weffort ter sido tão importante no mestrado, o orientador e tal. Se não teria sido mais natural ligar direto ou não?

L.L. – Não, porque sabia... Entendeu? Victoria disse: “ Oh, fulano, o Weffort tinha 18, sei lá quanto...” O Weffort não podia, nem que quisesse ele não poderia a me aceitar. E foi Maria Victoria que fez a ponte com o Gabriel Cohn.

J.M. – Que você não conhecia?

L.L. – Eu sabia da figura, quem é, quem não é, mas não tinha nada... Então foi por isto que eu entrei para USP e junto com isso...

C.C. – Entrada para USP... A gente interrompe em momentos fundamentais! [risos]

L.L. – Na USP, o Gabriel Cohn pediu... Como eu tinha feito mestrado... A primeira turma - como a gente já comentou aqui- não tinha regras muito claras, nem nada, eu tinha feito, eu acho que, assim, 24 créditos. Era uma loucura que eu tinha feito de cadeiras. Levei o currículo lá, aí que ele foi reconhecendo, reconhecendo, reconhecendo...

H.B. – Isso é um registro importante também da alteração que a gente tem hoje de mestrado e doutorado. Os mestrados dessa época eram equivalentes a raras teses de doutorado hoje. Então...

J.M. – Sim, claro.

L.L. – Daí então isso tudo foi reconhecido e eu tive que fazer duas cadeiras. Uma, óbvio, com o orientador... Eu ia para São Paulo toda semana fazer um curso sobre Escola de Frankfurt, porque falei, já que estou... Vou aproveitar, não é, o *know-how* da pessoa.

J.M. – Ia de ponte aérea ou ia de ônibus?

L.L. – Ponte aérea. Mas não era com o salário do CPDOC. [risos] Aí vai falar... Aí o avô lá tinha morrido etc., etc., e eu era herdeira, tinha alguns imóveis em Teresópolis. Aluguéis estes que me permitiam, à época, pagar a ponte aérea quatro vezes por mês. Às vezes quando eu quero comparar uma coisa com outra...

C.C. – Você foi para USP em grande estilo, não é?

L.L. – Eu ia... Não, ainda tinha o seguinte, isso permitia... Eu passava a quarta-feira em São Paulo. Eu pegava o avião de manhã e ia direto para USP, assistia aula, pegava um táxi na USP, voltava para o aeroporto, pegava o avião...

J.M. – Você não chegava a passar dois, três dias lá. Muito de vez em quando...

L.L. – Por exemplo, quando tinha alguma coisa no Cebrap, lançamentos de livro, alguma coisa, alguma instituição das pessoas que a gente conhecia... Então eu ia. Eu me lembro que uma vez, acho que foi num lançamento desse livro de *História da República*, do Boris Fausto, etc., que foi no Cebrap, e vi Sérgio Buarque lá sentado, entendeu? Porque eu também ia conhecer as figuras que eu tinha lido, todas, fulaninho, olha aqui, eu ia lá fazer isso. Mas basicamente eu fazia esse roteiro.

C.C. – E você mencionou dois cursos, um foi com o Gabriel sobre escola de Frankfurt e o outro?

L.L. – O outro era aquele curso que a Capes obrigava que não chamava OSPB, mas chamava EPB, sei lá...

Todos – Estudos de Problemas Brasileiros.

L.L. – Que eu podia fazer em qualquer pós-graduação. Eu fui à PUC, olhei lá, tinha uma pós-graduação em Pedagogia, Serviço, sei lá, qualquer coisa, eu falei: “ Ah, tem esse curso aqui? Eu posso me inscrever?” “Ah, pode”, “então está bom. Então eu me inscrevo, está aqui”. Uma coisa qualquer, quer dizer, de fato eu fiz um curso. E fui fazer a tese... Vou dizer uma coisa, quando eu entreguei esta tese - eu defendi ela em 86, 87, já não me lembro mais...

J.M. – 86.

L.L. - Eu tinha... Meu grande receio era que não fosse aceita na Sociologia. [riso] O que aconteceu é que o Gabriel, aquele negócio, é muito distante do campo dele, muito distante

daquilo tudo, mas é um *gentleman*, aquela pessoa que ouve muito o outro, respeita, *tatatá*... Ele chamou Carlos Guilherme Mota para a banca.

J.M. – Até chegar na banca a relação de orientação então foi mais distante, por assim dizer? Você trabalhou mais aqui, ele...

L.L. – Entreguei um copião. Foi o seguinte, vamos supor, podia ler no sentido: “isso aqui não está claro”; “aquilo ali você não complementa”; “isso aqui, essa bibliografia não...”; “Porque você não isso e aquilo”. Não era a área dele e nem ele tentou parecer ser. Neste tempo, tem uma outra coisa também, que eu tive uma certa dúvida se eu tocava o trabalho nesta linha ou se eu retomava ou começava o trabalho sobre a sociologia brasileira do Guerreiro Ramos. Eu fiquei muito em dúvida. Um determinado momento isso não se colocou mais porque eu falei: “Eu não sou maluca de fazer uma tese...”

J.M. – (...). “sobre Guerreiro Ramos na USP”.

L.L. – Exatamente.

H.B. – E talvez fosse uma área mais afinada com o Gabriel, mas mesmo assim...

L.L. – Já tinha feito muita opção errada no passado, dessas coisas, de não perceber o jogo do lugar, de quem era quem... Se fosse anos antes, eu era capaz de: “Sim, pode tudo e...” - Maluca, não é? Então não fiz por causa disso, eu falei: “Não, aquele projeto, embora distante dele, não tinha tanta incompatibilidade”. Eu me lembro uma vez, eu sugeri ao Gabriel, eu falei: “Gabriel, está saindo a coleção da *Ática* de Grandes Cientistas Sociais” - de todo mundo, não lembro quem era que tinha saído, pessoa que não tenha significado... “Por que não se organiza um livro sobre Guerreiro Ramos?” Ele olhou para mim... Quem que coordenava a coleção da *Ática*?

J.M. – Florestan.

H.B. – “Vai falar com Florestan”.

L.L. – Aí ele falou assim... Como é que ele perguntou... “E quem segura? Vai colocar o guizo?” Aí eu entendi, é óbvio que não sairia, então a partir desta coisa, porque eu tinha pensado nesta sugestão do livro de textos dele, nem era para eu fazer, era alguém fazer, eu podia fazer... Aí senti: se não aceitam a publicação de um livro, vão aceitar uma tese? Então fui eu lá para a banca.

J.M. – Que era composta?

L.L. – Aí meu Deus do céu...

J.M. – Carlos Guilherme você já falou.

L.L. – Carlos Guilherme...

H.B. – Gabriel Cohn...

L.L. - Gabriel Cohn... Ai... Um homem do Direito... Eu não vou lembrar... Não vou lembrar os outros, não. As outras pessoas... Porque que aconteceu isto? Quer dizer, as pessoas, afora o Carlos Guilherme Mota... Teve um incidente interessante... Eu gosto de um certo anedotário, mas... Eu não conhecia, óbvio, o *Ideologia da cultura brasileira*...

J.M. – Do Carlos Guilherme.

L.L. -E eu não usei. E também a banca não escolheu, o Gabriel montou a banca e levou para lá. Aí eu falei: “Carlos Guilherme Mota, meu Deus!”. Mas aí me preparei para explicar, quando ele me perguntasse, por que eu não tinha usado ele, o que envolvia, fazer lá, mostrar que estava controlando a situação. Aí cheguei lá *tatatá*, o Carlos Guilherme não cobrou. Comentou, fez comentários aqui, e eu escutando, não aguentei, olhei para ele e falei assim: “Até gostaria de falar...”, eu tinha preparado aquilo, falei “não perguntou, mas eu vou falar” e expliquei. Então foi uma coisa. Muito bem. Esta tese só veio a ser publicada pela Brasiliense com outro título: *Questão Nacional da primeira República*, em 90. Figura fundamental desse contato com a Brasiliense, à época: Renato Ortiz.

L.L. - Estou falando de Anpocs dos primórdios. Anpocs...

C.C. – Águas de São Pedro?

H.B. – Águas de São Pedro.

L.L. – Não.

H.B. - Antes ainda...

L.L. – Friburgo!

H.B Friburgo. Nossa...

L.L. – Anpocs estive em Friburgo antes. Não sei as datas. Um ano, dois anos, a Anpocs tinha 250, não, 200 pessoas reunidas. Não era mais que isso. Fui eu à Anpocs e entrei, passei, aquele negócio: ver o que é, ver quem é... - num grupo chamado “Sociologia da Cultura”, cuja coordenadora se chamava Maria Isaura Pereira de Queiroz. E lá estive num ano ou no outro - que eu lembro de dois anos desse grupo - Sérgio Miceli, Ruben Oliven, Renato Ortiz, Gláucia Villas Bôas, Eduardo Jardim de Moraes. Estas pessoas eu encontrei, estive com elas dentro deste grupo. E tem aí a velha dama digna, a professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, que ainda está viva, que é uma *lady*, uma senhora, e que eu fui assistir as pessoas, saí da sessão fui falar com ela: “Ah, professora Maria Isaura...”. Eu acho que eu levei para

ela um texto que eu tinha feito sobre Guerreiro. *Tatatá*, conversando, “gostaria de participar do grupo...”, eu conversava com as pessoas... Chegou no segundo ano, a Maria Isaura me incluiu na programação deste grupo, aquele negócio, seleção das pessoas. E aí eu fui no segundo ano apresentar um trabalho no GT Sociologia da Cultura.

J.M. – E foi sobre?

L.L. – Acho que Guerreiro Ramos ou aquele Donald Pierson e não me lembro mais... Um daqueles textos, quer dizer, que era Sociologia, e Maria Isaura é da USP, Maria Isaura teve o território específico dela, a Capitania Hereditária dela, que era outra área que não estava submetida aos mesmos... Coisas lá.

J.M. – Florestan e seus...

H.B. – Mesmo guizo.

L.L. – Não era. Era outra coisa. E neste grupo, outra coisa interessante: esse grupo fez uma vez um encontro intermediário, porque os grupos podem, desde que consigam recursos. Teve um encontro da “Sociologia da Cultura” em Ouro Preto. Hotel do Niemeyer. Os encontros eram realizados naquele teatro de Ouro Preto, que é de 1700, não sei o quê - é outro mundo [riso]. E pessoas variadas, falando... Por exemplo, eu me lembro assim, neste encontro, tinha desde coisas absolutamente sobre colônia, o escopo dessa Sociologia da cultura era o mundo. Mas teve uma pessoa - não conhecia - falando sobre a coleção *Os Pensadores*, da Abril. Porque era uma pessoa da Abril, contando... Essa coleção foi organizada e dirigida pelo José Américo Pessanha - aquele filósofo lá do passado - e esta mulher contava coisas pitorescas ou não, mas eu me lembro dela falando assim: “O que é isto, a cultura, o mercado, o Brasil, a venda em bancas, o livro vendido em bancas”. O que estavam fazendo, aquela coisa toda e ela dizendo: “Não, só para vocês terem... Tem que pensar aí, isso é sociologicamente importante”. Ela dizia assim: “Só para vocês terem uma ideia, Wittgenstein vendeu 600 mil” [risos].

J.M. – Como?

L.L. - Wittgenstein vendeu 600 mil [risos]

J.M. – Exemplares?

H.B. – É. O número da venda do...

L.L. – Ou seja, é sociologicamente porque aquela coleção linda, toda a classe média enfeitou as suas estantes da sala com aquela... Tinha exemplares que vendia 1 milhão e tanto. Platão, não sei... Ela apresentando a questão sociológica disso, como é que você lida... Então esse

seminário permitia essa coisa. Nesse seminário e nesse grupo também... Sim, aí depois - onde estava Gláucia, Eduardo Jardim, essa... Depois que o seminário acabou eu fiquei... Eu já conhecia Ouro Preto, tinha ido muito rapidamente sei lá para quê e desta vez eu conheci Ouro Preto. E eu conheci Ouro Preto depois do seminário acabar, tinha um carro à disposição da Dona Maria Isaura e Maria Isaura e a Marlyse Meyer, que é outra figura fundamental da Letras da USP. Então aquelas duas conversando no carro sobre Ouro Preto, que falava assim: “Lembra, Maria Isaura? Rodrigo até dizia que isso aqui...” e eu escutando, eu não tinha ideia, elas estavam falando de Rodrigo Mello Franco de Andrade, nesta época esse nome não me dizia nada! “Não, a capela do padre Faria”, a capela do padre Faria significa isso, não é? Então às vezes quando eu estou... Vamos dizer assim, de alguma forma a entrada dessa área de patrimônio, dessas coisas tem muito a ver com este...

H.B. – Passeio de carro...

L.L. - Obviamente que isso é uma reconstrução de hoje, mas certamente tem... Então... E deste grupo aqui, se desdobrou, quer dizer, daquele grupo quem conseguia abrir um espaço e tinha uma generosidade para os novos e etc., era a Maria Isaura mesmo. E obviamente era muito [riso] cacique para... Cada um foi para um canto depois, criar seus próprios grupos, etc., etc. Estava lá quando Luiz Antonio Castro Santos e Mariza Peirano vieram falar comigo: “Estamos pensando em criar, na Anpocs, um grupo de trabalho... Pensamento Social... – Brasileiro ou no Brasil, tem uma discussão enorme se é brasileiro, se é no Brasil. “Não, essa coisa...” - acho também que eles tinham assistido o seminário. Os dois tinham vindo de doutorados em Harvard, aquilo, vamos dizer assim, era um momento em que havia espaço para abrir essas coisas novas. Então lá fui eu para o grupo “Pensamento Social no Brasil”. Na época, quer dizer, porque que teve, sabe? Na minha lembrança, na minha reconstrução, foi a primeira vez que não era “Imaginação política brasileira”, que não era “O pensamento autoritário”, quer dizer, que tinha esse título. Não sei se vem de outro lugar, mas eu conheci assim.

H.B. – E abriu imediatamente, não é, Lucia?

L.L. – Não, acho que no outro, quer dizer, você...

H.B. – No encontro seguinte...

L.L. - Ela foi no encontro, conversou, pessoas... Você assinava algum compromisso, eles apresentaram na Assembleia, aquilo foi aprovado, criado no outro ano se reuniu.

J.M. – Os coordenadores iniciais então eram a Mariza e o...

L.L. – Era o Luiz Antonio. A Mariza acho que não pode...

H.B. – Ela ficou pouco, é...

J.M. – Foi mais o Luiz Antonio.

L.L. – Este grupo, sobre isso eu já escrevi naquele, mais tarde, *O que ler nas Ciências Sociais*, que é um certo balanço desse grupo, este grupo foi importantíssimo, foi, vamos dizer assim, uma conexão desse tipo de trabalho que a gente vinha fazendo aqui no espaço da Anpocs. Obviamente que independente de coisas soltas, esses conflitos ou choques, ou o que seja, a formulação do Wanderley era fundamental, porque a partir daí você tem Sérgio crescendo a ideia de uma análise institucionalista das Ciências Sociais e o Wanderley como a figura que tinha levantado aquela coisa, quer dizer...

J.M. – Vale a pena ler aquilo de forma legítima.

L.L. – Então eu acho que esse foi uma coisa que a gente fez lá. Acho que não estou lembrando mais de Anpocs, assim, essa coisa do...

C.C. – A Anpocs teve a sede, a secretaria geral no CPDOC. Não teve? Quando a Aspásia foi presidente? Não?

H.B. – Não, não.

L.L. – Uma coisa, a presidente... A sede é a secretaria geral, a presidência é um pouco... Pode ser em qualquer lugar.

H.B. – E o Iuperj concentrou muito tempo na secretaria.

L.L. – Teve o próprio Sérgio Miceli, Idesp, muitos anos...

H.B. – Ficou entre Rio e São Paulo uns bons 20 anos...

J.M. – Hoje é na USP, não é?

L.L. – É, é.

C.C. – Lucia, e no CPDOC nesse período, anos 80, a gente estava falando que teve o ritual de passagem do seminário de 1980 e você defende a tese, ela é publicada em 90. Então esses 10 anos você passa à coordenadora geral, não era o cargo que tinha? No final, foi em 90? Como é que foi essa década de 80 no CPDOC? Enquanto você fazia o doutorado, enquanto participava da Anpocs...

L.L. – Eu vou falar de alguma coisa que – a gente sempre seleciona, as coisas que vai falar. Quando eu acabei a tese, eu tinha claro a importância... Eu tinha claro porquê... A gente reconstrói a memória... Mas de alguma forma ficou claro para mim uma coisa que eu gostaria de fazer nesta casa... Quer dizer, tem as coisas que a gente faz porque você entra num

determinado espaço e aquilo existe, tem as coisas que você diz “não, essa eu quero fazer”. E foi a Revista Estudos Históricos. Eu tinha... Era uma coisa, vamos dizer assim, que me levava a ampliar o escopo de relações. Vocês já viram que eu gostava dessa coisa, quer dizer, o grupo da cultura... Eu de, alguma forma, tenho um processo de identificação muito forte com a minha instituição, mas eu não gosto de ambientes fechados, aquele negócio que você só lida com as pessoas daquele grupo, só lê aquele grupo. A minha própria trajetória é um pouco isso, para cá, para lá. Então a história da revista era uma coisa importante. Aí, quer dizer, vocês podem ler a apresentação da revista, que depois foi republicada, essa coisa da conexão de História e Ciências Sociais; não é uma revista de História, é uma revista que tem perspectiva histórica, portanto, pode publicar gente... Se tiver essa perspectiva, vale. Não é uma revista disciplinar, não é uma revista de Antropologia, etc. Então isso foi muito importante e mais uma coisa: esta minha tese que depois virou um livro, do ponto de vista das Ciências Sociais não tem importância nenhuma. As pessoas das Ciências Sociais stricto sensu, afora o Renato Ortiz que leu, que eu conheci ele lá no grupo, “muito interessante, vou passar lá na editora para publicar *papapá*”, que fez essa conexão, o resto... Mas teve muita gente da história que leu. Então, vamos supor assim, eu comecei a ser conhecida e reconhecida por pessoas de fora do campo das Ciências Sociais. Então isso... Quer dizer, aí a história é variada, de um lugar, de outro, etc., etc., obviamente que isto teve... Sim, e aí isto combinava com a própria revista no seguinte sentido: nos primeiros números, a gente convidou muita gente para escrever. Óbvio que se explicava: “eu estou convidando você porque conheço seu trabalho etc., o seu artigo será submetido à parecerista”, mas a gente fazia o convite, não ficava esperando as pessoas entregarem. E isto dá uma dimensão, você passa a circular num outro sentido, então isso foi muito importante e acho que, vamos dizer assim, como é que eu avalio? Eu participei já na minha vida de muita defesa de mestrado e de doutorado, por este Brasilão afora. E, ao mesmo tempo, aqui não tinha graduação e eu não era professora. Então como é que isso foi possível? Acho que por isso, não é? Tinha essa circulação porque você vê...

H.B. – Quer dizer, a revista funcionou como...

L.L. – A revista e essa coisa, eu estou me lembrando do... Vou lembrar, tem um livro aí sobre urbanismo aí, importante, que muitos anos depois eu fui ler... Eu acho que havia um ambiente em vários campos disciplinares discutindo questões de Brasil e de História do Brasil que o meu trabalho ajudou. Mesmo que... Sim, assim como eu disse lá no negócio do PSD, na época das Ciências Sociais: “toda a questão nacional está superada, não tem mais importância

nenhuma, isso não é relevante”, entendeu? Tinha essa conversa. Mas aí começa a ter isto no ambiente da História, no ambiente de convívio... Aí, sabe, eu brinco que eu virei historiadora *honoris causa*. Eu já fui convidada lá na Marília, Assis, a Tânia de Luca me convidando para abrir a semana de História da pós-graduação de Assis. Aí estou eu lá... Aí depois de uma certa hora conversando: “Não, Tânia, porque você sabe, eu não sou historiadora”, aí ela “como você não é historiadora? Não sabia não!” Então eu fui... É óbvio que eu nunca fui... Aprendi com as maluquices da juventude... Na hora que eu faço um projeto para CNPq, para Capes, que você tem que preencher lá, eu boto Sociologia, porque lá o dado institucional etc., etc., mas fora isto, não tem a menor... É como se eu fosse... A revista, além disso, permitiu uma divulgação nacional, pelo menos. Em 88, tem um artigo que eu escrevi que chama *As festas que a República manda guardar* e já tive num lugar não sei aonde uma mulher do interior de São Paulo que falou: “Poxa, aquele artigo ajudou a definir a minha tese de doutorado”. Aí eu fui não sei para onde, fui para uma banca de Belém do Pará, porque a menina estava estudando as festas, então, entendeu?... E como você aqui também não tinha aluno, você não tem controle sobre a dimensão...

H.B. – a recepção, não é?

L.L. A recepção do que você fez ou deixou de fazer: como é que foi, *bababá*... Então eu acho que a revista foi fundamental para isto. E eu acho, olhando para trás, que ela teve um significado enorme na *minha* vida, na minha trajetória, intelectual também. Por um acaso eu olhando isso, acaso que não é acaso, eu recentemente, estava olhando assim, se vocês pegarem o número cinco, seis, sete, oito e nove. Cinco: História e Ciências Sociais. Seis: Cultura e povo. Sete: viagens e narrativa. Oito: História e natureza. Nove: América. Eu trabalhei e trabalho, ou dou aula, sobre esses tópicos. Outro dia eu estava dando esse curso sobre viagem e falei “Mary Louise Pratt, a gente já publicou um artigo desta mulher”, aí foi lá e tinha o artigo, entendeu? Aí essa coisa História e natureza, eu estava dando um curso de Geografia humana, onde é que eu ia ver? Então estas... Defendi muito seriamente, internamente, inclusive, de se manter a revista com temática, que é difícil fazer, é chato, complica, mas eu sempre tive isso, porque, por exemplo, eu vou dar um curso hoje: “eu posso usar o número tal da revista”, como um livro publicado sobre ele. Então eu acho que isto é... Vamos dizer assim, se eu tiver que falar uma coisa, da qual... É óbvio que nenhuma dessas coisas ninguém faz sozinho, não estou dizendo que a revista é minha, que eu fiz, não é isto em absoluto, pelo amor de Deus, mas vamos dizer assim, certamente eu tive um papel de liderança

na montagem disso, então eu acho que isso é uma coisa assim, se eu tiver que pensar nesse CPDOC, o que fez, muito bem.

C.C. – No CPDOC também você teve, além do trabalho de pesquisa propriamente, você assumiu a coordenação geral, um cargo que não existe mais, durante alguns anos, e depois foi diretora de 95 a 98.

L.L. – Mas eu ainda não vou falar de história institucional, trajetória institucional, não. [risos]. Este eu pulo. Vou falar de mais uma coisa, também do CPDOC. [risos] Eu sei o que eu... espera, mas depois... Quando isto tudo, quer dizer, a definição, a tese, não sei o quê, não sei o quê, uma outra coisa que eu comecei, que apresentei um projeto para CNPq que tem a ver com essa coisa do Guerreiro Ramos, a sociologia nacional de alguma forma aí dentro da Anpocs, aí o grupo Pensamento Social Brasileiro foi importantíssimo porque a gente apresentava textos lá ao mesmo tempo em que os membros do grupo do Sérgio Miceli estavam apresentando. Aí todo mundo que escreveu sobre brasilianismo: Fernanda Peixoto, Fernanda Massi, Lilia, Fernanda... Quem está faltando? O grupo que trabalhou... Quase todas de Antropologia da Unicamp. Estavam ali apresentando. Aí só um parêntese...

H.B. – Silvana.

L.L. – Silvana!

J.M. – Rubino.

L.L. - Rubino! Esse grupo. Só uma coisa, nessa história que eu comentei que... Conhecido, vou para aqui, para lá, convites, essa coisa, de banca, fui convidada a falar, seminários, etc., etc., em um monte de lugares... Menos em um lugar: USP [risos]. Da Unicamp, da isso, daquilo. Uma vez me chamaram para dar uma palestra...

C.C. – Iuperj.

L.L. – O Iuperj eu participei de inúmeras bancas que tinham a ver com Ricardo Benzaquen saindo daqui. Ricardo saiu daqui, foi para o Iuperj. Então, bancas... Aí depois é uma outra trajetória. Primeiro de Ricardo, depois de Maria Lúcia Werneck. Então, é um subgrupo dentro dos conflitos [riso] lá da Iuperj que permitiram... (afora isso não tem menor... não tem menor...). E dentro desse... Eu fui convidada para dar uma palestra já mais recentemente no curso de Arquitetura e Urbanismo da USP – São Carlos. E eu estou lá falando o porquê das entrevistas, sobre urbanismo, essas coisas assim, uma certa hora eu olhei e falei - é cômico até, o único lugar que eu entrei na USP foi no urbanismo de São Carlos. Ah, sim, entrei numa banca... Tem duas bancas na USP que eu entrei, sim, mas uma foi a banca de Monica Pimenta

Velloso – que daqui eu já tava vendo... Então isso. Sim, mas aí eu resolvi fazer estudo, quer dizer, essa coisa, institucionalização, que coisa esse Rio de Janeiro, a política! E eu fiz um projeto da história das Ciências Sociais no Rio de Janeiro. Em que eu privilegiava o quê? O CLAPCS - Centro Latino-Americana de Pesquisa em Ciências Sociais -, meu primeiro lugar no trabalho como socióloga. E eu, de alguma forma, tinha presenciado os dias finais daquilo, não completos, mas muito decadente, ao mesmo tempo eu conheci. Então eu fiz um projeto que estudava o CLAPCS e a revista *América Latina*. Aí, de alguma forma, aqui, no pós 80, eu já tinha feito a entrevista com Guerreiro Ramos e depois, no caso, eu e Alzira e sei lá mais quem, fizemos uma entrevista com Costa Pinto, quando ele veio para homenagem dele aqui e aí neste contexto desta pesquisa, eu entrevistei Wanderley Guilherme dos Santos, Gláucio Ary Dillon Soares e o Luciano Martins. De alguma forma, na minha cabeça, eu tinha entrevistado os avós, agora estava entrevistando os pais das Ciências Sociais no Rio de Janeiro. Aí também faço... Prestar as homenagens a quem, de direito... Obviamente que essa entrada era um contraponto com a própria coisa do Sérgio Miceli e o Sérgio Miceli me convidou para apresentar o projeto no Idesp, que já existia... Ibesp é o outro, não...

H.B. – Idesp.

J.M. – Idesp.

L.L. – E eu fui apresentar e o Sérgio me convidou para fazer o artigo que ele publicou na *História das Ciências Sociais*.

J.M. – Que ele já estava coordenando, não é?

L.L. – Já, já estava coordenando as coisas todas, a gente tinha discutido partes nas reuniões de GT da Anpocs. Eu quero dizer isso porque às vezes a gente fica, não é... “Sérgio tem...” Mas ele, quer dizer, um pouco assim, não é porque não seguia a mesma cartilha que ele estava...

J.M. – Mas teve alguma fricção em termo das análises, etc.? Porque esse livro é conhecido pelos capítulos que ele escreveu que consolidaram uma certa visão Rio – São Paulo nas Ciências Sociais.

L.L. – Pois é, mesmo assim, tem uma pessoa que escreve lá e que... Vamos dizer assim, está querendo fazer essa outra visão.

H.B. – E isso espelha um pouco também as discussões dentro do grupo de Pensamento Social. O Sérgio tinha uma posição importante, não é, Lucia? Com essa pesquisa, mas havia concorrentes simultaneamente, perspectivas distintas ali dentro do grupo, era um debate...

L.L. – É... E aí era – vou falar igual as moças, as meninas – era muito interessante porque a gente tinha um contato muito grande, elas vinham da Unicamp e da Mariza Corrêa – História das Ciências Sociais. Então, vamos dizer assim, elas não reproduziam a linha do Sérgio da mesma maneira, não que fossem contrários, mas tinha uma variedade ali que foi assimilada. Os textos que eu tinha escrito ao longo do tempo sobre o Guerreiro eu resolvi juntar e botar a entrevista dele e fazer *A Sociologia do Guerreiro*, que foi difícilimo de publicar, porque estava pronto, foi publicado em 95, mas estava... Final dos 80 eu tinha aquilo. Então era assim, como é que você ia fazer... Eu me lembro de ter mandado para Faperj, aí vinha: “Foi aprovado quanto ao mérito, mas no momento não há verba disponível *tatata*”; ia pra não sei pra onde: “Foi aprovado quanto a não sei quê, mas *tatata*...”. aí isto foi aprovado e depois publicado... Sim, porque eu acho que na época o Conselho tutorial da UFRJ, Wanderley também estava, então Wanderley que também acha o Guerreiro importantíssimo, não sei o quê, não sei o quê, não que seja... Deu a maior força para que fosse publicado. Nesta história, para terminar as últimas... Produção, óbvio que eu estou dando ênfase não ao lado institucional, mas o lado da produção acadêmica. A questão, quer dizer, eu tinha, de alguma forma, voltado para trás, discutir a questão nacional lá, talvez indo até o final do século XIX e, de alguma forma, ao trabalhar Guerreiro, eu estava com essa questão “nação”, “nação” e a construção de um mito Brasil, essas coisas sempre me interessaram e eu resolvi apresentar a proposta de estudar Brasil – Estados Unidos. Aí no meio do caminho tem várias outras coisas, mas vamos pular isso. E aí fui fazer isso e, vamos dizer assim, a proposta de ficar um ano nos Estados Unidos tinha a ver, um, como eu não tinha feito doutorado fora, eu queria ter a experiência de viver no universo de uma universidade norte-americana um ano. Eu conhecia tudo, exatamente por já ter ideia que eu falava: “Eu quero ter essa experiência”. E basicamente, para poder ter acesso a uma bibliografia, e eu diria, a uma biblioteca a sua disposição. A bem da verdade, o que eu fiz a respeito dessa... Do americano, podia ter feito aqui. Aí você encomenda o livro, alguém consegue, não tinha internet, existia, mas não era isso que... Então ao invés de fazer essa novela todo, me lembro, vários livros e artigos, na época da feitura da tese de doutorado eu consegui porque Eduardo Gomes estava nos Estados Unidos. E ele foi, e eu falei: “Eduardo, preciso do artigo da revista tal, de não sei de que...” - Eduardo me mandava.

H.B. – Pelo correio.

L.L. – É. Eu tinha... Depositava na conta dele, a gente fazia um arranjo e ele mandava essas coisas, por isso eu consegui várias... Tem livros que você ia nas bibliotecas daqui, não tinha.

C.C. – Você passou um ano na Brown, não é? 93 para 94.

L.L. – É.

J.M. – Você tinha um supervisor lá, alguma coisa?

L.L. – Porque Brown? Depois de algumas coisas, aprendi, não é? Que é Brown, quem está na Brown? Skidmore. Skidmore vinha todo ano aqui, vinha saber o que a gente estava fazendo, um dia chegou: “Skidmore, eu quero passar um ano na Brown, me mande uma carta convite?” “Claro!” [risos] Foi assim que eu fui para Brown.

J.M. – Você se convidou.

L.L. – Eu... E obviamente fiz lá, então... Ele era, do ponto de vista da Brown, a pessoa que estava me recebendo. Aliás me recebeu muito bem, foi lá comigo, alugou apartamento, fez todas as coisas. E eu me compunha assim, quer dizer, fazia um texto, alguma coisa, mandava para ele... Etiqueta acadêmica. Também o que eu estava fazendo era muito distante de qualquer área de interesse de Skidmore, como era também muito distante do interesse do grupo acadêmico da Brown. O que se estava discutindo no campus, nesta época, era o multiculturalismo, as mudanças todas, etc., e eu querendo estudar o mito do oeste... [risos]. Não tinha nada a ver, era uma conversa de maluco, só que isso, eu pude me beneficiar da infraestrutura, entendeu? Ali eu tive muito acesso e soube das transformações no campo da Geografia dos Estados Unidos. Geografia pós-moderna estava em plena... Então eu olhava aquilo... E tinha também publicações, revistas, milhões de coisas, de universidades do oeste. Porque eles tem “A universidade [INAUDÍVEL]” [riso]. A universidade publicando coisas, reeditando Friedrich Jackson Turner e etc., e você... Coisas que não tem numa das bibliotecas da Brown, você desce, pede a alguém, aquela pessoa pedirá desculpa da universidade não ter aquilo e que a senhora conseguirá em três dias, de preferência, uma semana... Se demorar uma semana eles pedem desculpas a você. Eu brincava: “Que diferença!”- eu entrar numa biblioteca aqui, que é uma boa biblioteca, não tem nada. Eu me lembro, assim, tinha uma bibliotecária ali, que quando eu entrava assim, a mulher devia pensar: “Lá vem aquela chata pedir sempre coisa que não tem, difícil” porque a cara dela passava isso. Então me beneficiei disso, cheguei. Então dessa conversa toda saiu o *Americanos* e um livro que eu gosto de citar, que se chama *A criação da América*, que é um paradidático que eu fiz sob encomenda e que é essa história... Então essa troca: um livro mais acadêmico, um livro de divulgação, um

livro... Eu gosto desta brincadeira. E deste projeto, também, o subproduto desse projeto é o estudo sobre imigração e imigrantes. Porque essa questão do multiculturalismo no caso americano, eu entrei nele pela via da imigração e aí voltei ao Brasil trabalhando nisso. *O Brasil dos imigrantes* e *Nós e eles* derivam disso. Também deriva disso a volta para o Brasil que um pouco, assim: você vê o mundo, faz coisa, Brasil – Estados Unidos, um pouco o seguinte... Globalização/ localismo. Em determinado momento eu me perguntei de onde eu estava falando. É que eu estudo nação, não é? E pela primeira vez eu me interessei de fazer alguma coisa sobre o Rio de Janeiro. Estudo, moro, produzo numa coisa localizada, eu estou falando isso tudo desta posição, deste ponto de vista, deste local. E aí comecei a fazer coisas sobre Rio de Janeiro, que depois emenda no *Capítulos da memória do urbanismo carioca* e *Novas memórias do urbanismo carioca*. Então, só para terminar, uma coisa assim... Eu acho que à bem da verdade, eu sempre trabalhei a mesma coisa. Se você pensar em temas constantes, você vai ver construções de identidades, seja nacional, regional, local, urbano, profissional, não é? Do sociólogo... Eu acho que este é o grande tema da minha vida, só que eu trabalhei este tema por slides...

H.B. – Fatias.

L.L. p - Fatias distintas, hora entrando por um ângulo, hora entrando por outro, mas eu acho que não é... Se você olhar com um pouquinho... Trata-se da mesma coisa.

H.B. – E o Nordeste entrou por quê?

L.L. – O Nordeste é nacional – local – região. Como é que você constrói identidades, não é? Quer dizer, agora quando eu estou fazendo um texto sobre, sei lá... *O guia do Recife*, do Gilberto Freyre, eu estou falando, como é que você lê cidades, como é que você fala da sua região, como é que você joga a região, a nação... E, num certo sentido, vamos dizer assim, numa perspectiva historiográfica nesse sentido, quer dizer, a Sociologia hoje em dia eu estou mais harmonizada com a Sociologia, não acho... Que em determinado momento eu achava que não era socióloga mesmo. Agora [riso] já acho que não, pode ser até que eu seja, porque isso, quer dizer, mas aí é de uma Sociologia específica, é uma Sociologia para a qual a História é fundamental. Quer dizer, você vai olhar aquela construção social, mas aquilo... Como eu gosto muito de Geografia, eu entro... Os alunos... “Olha, gente, para resumir a conversa: tudo pode ser explicado por duas grandes variáveis perspectivas, tempo e espaço” Então você explica pela... Como é que foi acontecendo, quem disse o quê, quando, etc., e de que lugar se fala. Tempo e espaço. Kant! [risos]

C.C. – Você marcou algumas vezes, na tua narrativa, que você não dava aula, na sua trajetória. Nos últimos anos, tem essa novidade, em termos de trajetória, de você dar aula tanto na graduação quanto na pós. E aí tem "Geografia humana", que é um curso muito de pensamento também social sobre espaço brasileiro, e na pós a questão do patrimônio, e tem orientando. Quer dizer, essa novidade em termos de trajetória, como é que você incorporou?

L.L. – Ai, Celso, você resolveu... [risos]. Mas tudo bem. O que eu acho? Eu passei anos fugindo de ser professora. Eu deixei Teresópolis porque eu não queria fazer escola normal, era outra professora. Fui para UFF porque àquela época não tinha muito outra perspectiva, eu fiquei lá na parada esperando qual era o bonde, o ônibus que ia passar para sair. E de alguma forma, aqui dentro do CPDOC, no passado remoto, ou não tão remoto, fui das pessoas que votou contra abrir um curso de metodologia. Simon Schwartzman trouxe isto para aqui. A nossa, minha e da maioria, era a ideia que a pós-graduação ia atrapalhar a gente, atrapalhar a pesquisa, não era para ser... Muita água passou debaixo da ponte, mudaram-se os tempos, etc., e chegamos então à experiência certíssima - digo eu hoje - de graduação, de pós-graduação. Então chegou um momento que isso se colocou para o CPDOC e eu acho que, decisão certíssima e se colocou para cada um de nós, não é? O que vem agora? Eu olhei, parei... "Claro!" Eu fui orientanda, participava de banca, não tinha orientando, participava de bancas, opinava sobre trabalhos alheios - deve ser assim, deve ser assado - dos mais... Na Unicamp, não sei aonde, não sei aonde, porque eu não podia? E eu assumi que eu ia, sim: "quero ser professora". E aí uma coisa: estou *muito* contente, *muito* satisfeita, [riso] estou gostando *muito* dessa experiência. Então não me é difícil, não me é complicado, em absoluto, eu tenho até que me controlar para não ter...

C.C. – Você tem muitos orientandos também, não é?

L.L. – Oito orientandos! Eu digo, não, assim também não posso. Eu comecei no curso do mestrado profissional, que eu gosto... Assim, eu pulei aqui uma outra experiência que é a coisa de fazer o CD-ROM no CPDOC. A experiência essa, juntar documentação, fazer para público, fazer... Lembro que foi uma experiência interessante e fracassada, mas que teve lá as suas coisas. E eu me lembro de uma conhecida minha que chegou para mim e falou: "Meu filho está fazendo vestibular e estudou pelo CD-ROM da Era Vargas". Eu falei: "Era isso que eu queria ouvir".

C.C. – Teve o problema de distribuição de coisa, não é?

L.L. – De distribuição...

H.B. – Uma mudança de mídia rápida... Eu acho que é isso...

L.L. – E a mudança tecnológica.

H.B. – Eu acho que é isso..

L.L. - Quer dizer, teve o problema daquela coisa, mas... Então eu acho o seguinte: eu acho muito, muito interessante, eu gosto. É óbvio, eu comecei no mestrado profissional porque eu acho que isso, quer dizer, olhando um pouco o mundo acadêmico no Brasil, como a cultura brasileira, tem um componente aristocrático excessivo. Não é que eu ache o mundo acadêmico... É de aristocracia sim, mas de aristocracia do conhecimento. Mas eu acho que essa aristocracia que eu estou falando no mundo acadêmico é o seguinte: isto aqui é só para meia dúzia; esses aqui são os escolhidos, aqueles que sabem, e você tem o resto, a plebe ignara, cada vez mais analfabeta, cada vez mais... Então o mestrado profissional me seduzia por isso: pessoas do mundo da profissão querendo aprender mais. E isso obriga você a dar aula com uma clareza muito maior do que os que vão estudar anos aquela coisa. Você tem que... Eu costumava brincar assim: eu não sou mais socióloga ou historiadora, eu sou tradutora. Eu fico lendo essas... Às vezes, algumas pessoas, estou me lembrando de Reginaldo Gonçalves: “Reginaldo, fico tendo que explicar para pessoas que diabo é a retórica da perda” - a interpretação do patrimônio que são conceitos... E as pessoas que são inteligentes, mas são “ignorantes”, nesse sentido, ficam perplexos: “Que coisa, hein? Isso aqui é uma coisa tão difícil que eu nunca vou ficar sabendo”. Então eu tinha no mestrado profissional essa ideia. Eu vou ajudar essas pessoas a conseguir ler isto. Ele está falando aqui, é isso assim. A ideia de tradução mesmo.

C.C. – Às vezes as pessoas trabalham com isso, não é?

L.L. – Eu brincava que eu não sabia se eu era tradutora, se eu era jornalista. O que é o jornalista da área de economia, não é? Ele lê aquilo tudo e traduz. Então essa coisa foi muito importante. Então nisso que eu comecei assumindo as orientações.

C.C. – Professora Lucia Lippi.

L.L. – Professora Lucia Lippi e as orientações. E depois eu fiz a ponte com a graduação. O impacto maior foi na graduação, eu falei: “Meu Deus” - ainda brinquei assim - “Com amigos assim a gente não precisa ter inimigos” [risos]. Mas aí num certo momento, eu falei assim: “Eu que sempre gostei de Geografia, em pouco tempo, pensamento sobre espaço...”

C.C. – Achou a sintonia.

L.L. - Achei a sintonia fácil. Eu acho que eu comecei a fazer uma coisa também: das aulas do mestrado é que foi produzido o “Cultura e Patrimônio”, eu escrevia umas fichas, umas coisas,

dei o segundo ano do curso, dei o terceiro ano, quando eu dei o terceiro ano eu falei assim: “eu tenho um livro”, que é um pouco... O livro de divulgação. Não é um livro, aquele que você... O avanço do conhecimento... Aquele livro não é avanço do conhecimento, é de divulgação, que você mostra, tem uma pesquisa assim, mas outro tipo. Essa coisa da geografia, eu tenho um livro, quase pronto. Tem que saber como publicar aquilo. Então essa experiência da aula com a produção de textos para um público maior, para o estudante que está começando, vamos dizer assim, me encanta muito.

H.B. – Você acha que isso tem que ver, Lucia, até com a maneira como essa nossa graduação e o mestrado, foi criado? Porque a experiência da UFF era muito mais curricular, quer dizer, talvez você fosse demandada para um tipo de magistério formal, ali naquele campo da Sociologia...

C.C. – Mais disciplinar.

H.B. - Disciplinar. Que estava muito distante do que te encantava. E hoje a gente tem, mesmo na nossa estrutura curricular, um trânsito...

L.L. – Um espaço maior, é...

H.B. - Que essa sua trajetória é absolutamente...

L.L. – Se eu tivesse que ser uma coisa absolutamente rígida, eu simplesmente não seria: “Tchau, fui” Essa é uma outra situação na vida, também, de você poder ir. Mas só...

C.C. – Não, de um livro e um personagem marcante. Se você pudesse destacar um personagem, na sua trajetória, marcante, e um livro, Um texto marcante que mudou a minha vida é o artigo de Karl Mannheim sobre o pensamento conservador.

J.M. – Eu adoro esse artigo também.

L.L. - Eu acho que não teria... As outras coisas não teriam acontecido se eu não tivesse, em algum momento, passado por ele. O seguinte, eu estou dando aula, mas eu sou pesquisadora, no seguinte sentido: eu vou atrás de livros e autores e o que seja quando eu tenho uma questão de pesquisa. Quer dizer, eu estou lidando com, no caso, o autor, mas poderia ser outra coisa, aquela coisa, ele está falando uma coisa que não se encaixa... A bagagem que eu tenho não dá conta então eu vou atrás, vou atrás por causa disso... Entendeu? Neste sentido, eu não sou uma teórica, no sentido: vou ficar estudando a formulação da teoria porque Habermas disse que não sei o quê, não sei o quê... - problema dele, chatice. Eu acho que os frankfurtianos para mim – dando uma... -, sofriram do fígado. Eu posso dizer bem. Óbvio, formularam coisas, mas, entendeu? Não vou dizer isso para os alunos, na sala de aula, mas, vamos dizer assim, eu não

me interesse... Agora, eu interesse o seguinte: você quer discutir como é que a divulgação da vendagem de livros, o papel...entendeu? Então o tema...

H.B. – Te leva até o Habermas.

L.L. - Me leva até o Habermas. Ou à outra pessoa. Também isso, completamente... Nos anos 70 isso tudo seria [um crime] completamente eclética. Eu irei ao autor que me ajudar a pensar aquilo e não porque ele pertence à escola, essa, escola...

C.C. – É, você já mencionou na outra entrevista que o eclético podia ser uma categoria acusatória...

H.B – É, é.

C.C. - Em determinados contextos...

L.L. – É uma prova, entendeu? Que você é... Mestiça, quase. - só que mestiçagem hoje está... Hibridismo hoje... Mas não era nada disso. Então eu acho que se você pensar nisso, do ponto de vista de obra, no sentido de... Aquele artigo para mim é uma obra, porque foi a partir dele que eu fiz o...

H.B. – Você sabe que essa entrevista integra um projeto de Cientistas Sociais em Países de Língua Portuguesa, que é um tema muito raramente tocado na maioria dos entrevistados como experiência de vida, mas que você não, você já andou por aí, você teve o seu texto sobre a relação delicada lá com Portugal e tal. Você teve contato maior? Como é que você vê essa interlocução, digamos, entre os intelectuais brasileiros e portugueses?

L.L. – Não tem tanta coisa assim, só vou contar uma coisa: estava eu, na Brown, teve uma festa, uma reunião, essas coisas que eles fazem em casa, na casa de uma pessoa lá que eu fui convidada e, de repente, estávamos numa salinha assim conversando, algumas pessoas. Aí de repente eu olhei e falei: “Que coisa interessante!” - tinha um professor de História, português, que estava na Brown; tinha uma padre jesuíta, de Goa; tinha um africano, de Angola. Aí eu falei:” O império português conversando”. [risos], entendeu? Essa consciência da sala de língua portuguesa, e a gente ali, o mundo era... quer dizer, foi o mundo desenvolvido que permitiu esse encontro. Ali eu fiquei muito, assim, entendeu? Esse professor que é, João Medina, que estava lá, uma figura interessantíssima, e a gente... Aí tem uma coisa, nesse tempo da Brown, independente das coisas, Moacyr Scliar estava lá, e a casa de Moacyr Scliar era uma embaixada brasileira, na Brown, e aos sábados a gente ia. A mulher dele, esqueci o nome. A mulher de Moacyr Scliar é irmã de Rubem Oliven [risos] então... Judith! Fazia, chamava a gente, etc. E era uma maravilha, porque o Moacyr Scliar

é um contador de casos, o judeu-gaúcho que conta histórias - é gozadíssimo. Este João Medina é o máximo, o que se falava de piada de português, ele contava piada de português, e a gente ria muito, etc. Então, vamos dizer assim, a gente tinha o sábado com isso para poder voltar ao ambiente politicamente correto da universidade durante a semana, que não podia brasileiro falando coisas horrorosas, piadas... Mas muito, muito interessante... Então eu acho que a consciência da possível... Tinha umas coisas que esse João Medina falava ou contava, ou piada, não sei o quê, que a gente olhava para o Moacyr, o Moacyr olhava para mim e falava: “Viu? Por isso que a gente é assim!” Onde já se viu uma autoironia, uma coisa... entendeu? Como a cultura brasileira, vamos dizer assim, descende fortemente daquela coisa. Então eu acho a vivência mais forte dessa coisa... Porque aqui quem que a gente conhecia? Depois o sociólogo famoso que vocês entrevistaram...

H.B., C.C e J.M – Boaventura.

L.L. - Boaventura , eu tinha lido, eu tinha assistido Boaventura falando, conhecia...

H.B. – Boaventura de Sousa Santos.

L.L. – Que foi, do mundo português, o que teve uma recepção maior no Brasil. Veio para cá, apresentava aqui, apresentava ali... Depois eu conheci alguma coisa do Carlos Fortuna, que eu acho muito interessante, e não conhecia o grupo que vocês estão... Vim a conhecer a partir disso. Mas só uma coisa que eu estava temerosa de fazer porque eu não queria me emocionar nesta entrevista, mas eu vou falar [risos]. Não, não sei se eu vou falar não... Desisto. [risos].

C.C. – Não precisa, a gente...

L.L. - Desliga?... Não, não, não. Pode perguntar, mas agora... Se não eu vou ficar... Eu já não tenho mais idade... Um dia eu lia para os estudantes do curso de patrimônio... Não, do curso de Geografia. E um dia estava lá falando de região, de não sei de que, e li para os alunos o *Evocação do Recife*.

J.M. – Do Manuel Bandeira.

L.L. - E aí, toda vez que eu leio *Evocação do Recife* eu choro e eu falei: “Eu vou ler, vou chorar na sala de aula e depois vou continuar dando aula”.

H.B. – Aqui você pode chorar e continuar a entrevista. [riso].

L.L. – E eu fiz isso, eu me lembro da Juliana, os alunos perplexos [risos] ... Aquela louca que lia *Evocação do Recife* e ao mesmo tempo as lágrimas escorriam. Aí a Juliana falou assim: (os alunos emocionados, não é? Com aquela história) “Ah, você é pernambucana, não é?”. “Eu

não!”[risos] Que pernambucana! Eu achava emocionante aquele poema ali. Toda vez que eu leio *Evocação do Recife* acontece isso.

[FIM DO DEPOIMENTO]